

## MUSEU CUBISTA DO MAR - OLHÃO



Dissertação conducente à obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura |  
Mestrado Integrado em Arquitetura do Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes |  
Grupo Lusófona

**Discente:** Carlos Alberto Bento Ferreira; nº. 21100165

**Orientador:** Professor Doutor Mostafa Zekri

**CARLOS ALBERTO BENTO FERREIRA**

**MUSEU CUBISTA DO MAR - OLHÃO**

Dissertação defendida em provas públicas no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, no dia 15/07/2016 perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº. 05/2016, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor Luís Filipe Pires Conceição  
(Professor Catedrático, ISMAT)

Arguente:

Prof.<sup>a</sup> Doutora Sandra Morgado Neto  
(Professora Auxiliar, ISMAT)

Orientador:

Prof. Doutor Mostafa Zekri (Professor  
Associado, ISMAT)

**Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes**

**Portimão**

**2016**

## **Agradecimentos**

Ao meu orientador Professor Doutor Mostafa Zekri em particular pela sua mestria na orientação do rumo a seguir com o meu trabalho.

Apelo especial apoio dedicado na ajuda, para eu pudesse melhorar sempre mais o projeto.

A todos os meus professores, que contribuíram para a minha formação académica, que me marcaram de uma forma muito positiva, com os seus ensinamentos, aos meus colegas de turma, que me acompanharam desde o 1<sup>o</sup>. Ano, em especial a Estela Samuel; Sandra Aires; Lígia Agostinho; Rita André; Savannah Salgueiro e João Rego; aos funcionários do ISMAT, que foram sempre corretos e de uma grande simpatia.

Um agradecimento muito especial ao Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Olhão Dr. António Pina, que mandou disponibilizar todos os apoios de que eu necessitasse para levar a bom termo a minha dissertação, agradeço também ao Senhor Vereador Eng.<sup>o</sup> Carlos Martins, ao Sr. Dr. Hugo Miguel Leite de Oliveira, responsável pelo museu Municipal, que apoiou a minha ideia em relação ao tema do projeto, à Mestre Veralisa Brazão, que foi destacada pela Câmara Municipal, para me facultar todos os elementos indispensáveis para o meu trabalho, à Mestre Sandra Romba, que apoiou a minha ideia apresentada. Agradeço também a todas as pessoas ligadas ao mar que comigo falaram, disponibilizando-se, para o fornecimento de elementos do seu quotidiano, indispensáveis para a concretização deste trabalho. E por último um agradecimento à Estela Samuel, pelo seu especial companheirismo, efetuando este percurso académico a meu lado, sempre me encorajando e dando-me força nos momentos mais difíceis. Sem todos vós certamente eu não teria chegado há minha dissertação.

## Resumo (Português) – Palavras-chave

Esta dissertação de mestrado aborda o projeto para a reabilitação do antigo matadouro de Olhão e toda a sua envolvente, incluindo a criação de um edifício cubista com uma torre de observação, cujo conceito é o das açoteias e mirantes da zona histórica da cidade, fazem parte também um espelho de água que envolve parte dos edifícios, em memória do antigo sapal que originalmente lá existiu e por fim espaços arborizados com sombreamento, percursos pedonais e parque de estacionamento que servirá de apoio a toda a estrutura do Museu do Mar.

O estudo refere a caracterização histórica e evolutiva da cidade com sua ligação ao mar, contextualizando na história da cidade e na fenomenologia do Lugar. Consideraram-se os momentos de desenvolvimento e declínio da urbe, no paradigma da relação “mar/cidade”. A zona Ribeirinha, toda a zona histórica e o hotel de cinco estrelas, Marina Hotel, são partes integrantes que beneficiam a intervenção.

O suporte da formalização da proposta foi induzido pela beleza das formas geométricas presentes nos elementos arquitetónicos dos edifícios cubistas que caracterizam a arquitetura Olhanense. A ideia fundadora passa pelo *modus operandi* das formas geométricas, centralizadas nos edifícios com suas açoteias, os seus mirantes e contra mirantes, que eram utilizados para secagem de frutos e principalmente como observatório do estado mar.

A minha intervenção é considera ainda, a operação de reabilitação incluída na regeneração e requalificação do Património Histórico de Olhão.

O projeto propõe melhorar a qualidade do espaço e envolvente, proporcionando à cidade uma mais-valia, do ponto de vista cultural e afirmando a relação da urbe com o mar; direcionada à valorização urbana, arquitetónica e ambiental.

**Palavras-chave:** Cidade de Olhão da Restauração, Mar, História, Arquitetura, Museu, Açoteias, Mirantes, Cubismo, Requalificação, Pescadores, gastronomia, antigo matadouro de olhão, zona ribeirinha de Olhão.

## Summary (English) – Keywords

This dissertation discusses the project for the rehabilitation of the old slaughterhouse in Olhão and all its surroundings, including the creation of a cubist building with an observation tower, whose concept is the roof terraces and lookouts of the old town, part also a mirror of water that surrounds part of the buildings, in memory of the former marshland that originally existed there and finally wooded areas with shading, walkways and parking that will support the entire structure of the Sea Museum.

The study refers to historical and evolutionary characterization of the city with its connection to the sea, contextualizing the city's history and phenomenology of place. They were considered moments of development and decline of the metropolis, the paradigm of the relationship "sea / city." The riverfront area, the entire historic district and the five-star hotel, Hotel Marina, are integral parts that benefit the intervention.

Support the formalization of the proposal was prompted by the beauty of geometric forms present in the architectural elements of cubist buildings featuring the architecture Olhanense. The founding idea is the *modus operandi* of geometric forms, centralized buildings with their terraces, their lookouts and against gazebos, which were used for drying fruit and especially as an observatory of the sea state. My intervention is still considered, rehabilitation operation included in the regeneration and restoration of Heritage Olhão History.

The project proposes to improve the quality of space and engaging, providing the city a capital gain from the cultural point of view and affirming the relationship of the metropolis to the sea; directed to the urban, architectural and environmental value.

**Keywords:** Olhão City Restoration, Sea, History, Architecture, Museum, Açoteias, lookouts, Cubism, requalification, fishermen, food, the rivafront arca of Olhão, old stouughterhouse in Olhão.



**Índice**

Índice de Imagens .....	6
Introdução .....	17
Parte I: Cidade de Olhão .....	20
<b>Reinterpretar a história</b> .....	21
1. Evolução do Lugar do Olhão a Vila de Olhão da Restauração: Consolidação Estrutura da Vila de Olhão .....	21
2. Olhão antigo .....	26
3. Olhão hoje .....	31
4. A criação do Município Olhanense .....	34
5. Primórdios da industrialização .....	37
6. Alargamento do centro Urbano .....	42
7. Novo surto de progresso económico e cultural.....	46
8. Justificação do projeto em Olhão .....	51
9. Escolha do lugar e sua caracterização .....	55
10. O Tema .....	56
11. Objetivos da Dissertação .....	59
Parte II: A memória marítima e a pesca .....	60
<b>A memória marítima e a pesca</b> .....	61
1. A memória marítima.....	61
2. A pesca da sardinha .....	63
3. A pesca do atum .....	66
4. A pesca do bacalhau .....	69
Parte III: Estado da Arte .....	81
<b>Estudo de Casos</b> .....	82
1. Museu do Mar Rei D. Carlos.....	89
2. Museu Marítimo de Ílhavo .....	91
3. Museu dos Baleeiros .....	97
4. Legislação .....	99
Parte IV: Projeto .....	101
<b>Memória Descritiva</b> .....	102
1. Edifício 1 (Reabilitação e Requalificação) .....	103
2. Edifício 2 (Nova Construção) .....	108
<b>Conclusão</b> .....	116
<b>Bibliografia</b> .....	118
Bibliografia .....	119
Netgrafia .....	120
Textos .....	120
Vídeos .....	121
Parte V: Desenhos Técnicos	
<b>Anexos</b>	
<b>Esquícios</b>	
<b>Fotografias da maquete</b>	
<b>3D</b>	



## Índice de Imagens



<b>Figura 1</b> _Revolta dos populares em frente à igreja Matriz .....	22
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://1.bp.blogspot.com/_sjByFX3NQU/SFBk ezZjjI/AAAAAAAAAHY/IVqXh8cNsA/s320/slide0001_background.jpg">http://1.bp.blogspot.com/_sjByFX3NQU/SFBk ezZjjI/AAAAAAAAAHY/IVqXh8cNsA/s320/slide0001_background.jpg</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 2</b> _Monumento aos heróis da Restauração .....	24
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 3</b> _Ponte de Quelfes .....	24
<b>Fonte:</b> Autor	
Figura 4_Ponte de Quelfes .....	24
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 5</b> _Descrição do acontecimento da derrota dos Franceses .....	25
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 6</b> _Caíque .....	25
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 7</b> _Desenho do Caíque .....	26
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 8</b> _Vista de Olhão antigo.....	26
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.sulinformacao.pt/2012/02/presidente-da-republica-oscar-carmona-visitou-o-algarve-em-fevereiro-de-1932-ii-parte/">http://www.sulinformacao.pt/2012/02/presidente-da-republica-oscar-carmona-visitou-o-algarve-em-fevereiro-de-1932-ii-parte/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 9</b> _ Av. 5 de Outubro em 1908 (antes da construção dos Mercados, em 1912) .....	27
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.olhao.web.pt/images/Museu/Caíque2.jpg">http://www.olhao.web.pt/images/Museu/Caíque2.jpg</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 10</b> _Descarga de peixe, nos anos de 1920.....	27
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.olhao.web.pt/images/Museu/DescargaGNO.jpg">http://www.olhao.web.pt/images/Museu/DescargaGNO.jpg</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 11</b> _As primitivas cabanas em Olhão.....	29
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.olhao.web.pt/historia_de_olhao.htm">http://www.olhao.web.pt/historia_de_olhao.htm</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 12</b> _Igreja da Nossa Senhora do Rosário .....	30
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 13</b> _Reparação das redes de pesca .....	31
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.olhao.web.pt/images/Museu/pescadores.jpg">http://www.olhao.web.pt/images/Museu/pescadores.jpg</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 14</b> _Vista aerea de Olhão hoje.....	31
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.rotasturisticas.com/fotos_31016_olhao_vista_aerea_de_olhao.html">http://www.rotasturisticas.com/fotos_31016_olhao_vista_aerea_de_olhao.html</a> [Consult. Maio 2016].	

- Figura 15**\_Medalha que o Rei D. João VI concedeu aos olhanenses..... 32  
**Fonte:** Disponível em <http://www.olhao.web.pt/InvasoesFrancesas.htm> [Consult. Maio 2016].
- Figura 16**\_ D. João VI ..... 32  
**Fonte:** Disponível em <http://www.olhao.web.pt/InvasoesFrancesas.htm> [Consult. Maio 2016].
- Figura 17**\_Armas de Portugal-Interior da Igreja da Nª. Senhora do Rosário..... 33  
**Fonte:** Disponível em <http://www.olhao.web.pt/InvasoesFrancesas.htm> [Consult. Maio 2016].
- Figura 18**\_Interior da Igreja da Nª. Senhora do Rosário ..... 33  
**Fonte:** Disponível em <http://www.olhao.web.pt/images/Olh%C3%A3o/AltarConceicao.jpg> [Consult. Maio 2016].
- Figura 19**\_D. Pedro IV ..... 34  
**Fonte:** Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$d.-pedro-iv](http://www.infopedia.pt/$d.-pedro-iv) [Consult. Maio 2016].
- Figura 20**\_Peixe de Seca (Litão)..... 36  
**Fonte:** Disponível em <http://www.sulinformacao.pt/wp-content/uploads/Seca-do-litão-no-Porto-de-Pesca-de-Olhão.jpg> [Consult. Maio 2016].
- Figura 21**\_Serviços de Correios e Encomendas Postais ..... 36  
**Fonte:** Disponível em <http://ruabaixoruacima.blogspot.pt/2016/02/instituicoes-viii.html> [Consult. Maio 2016].
- Figura 22**\_ Estação Telégrafo-Postal..... 36  
**Fonte:** Disponível em <http://ruabaixoruacima.blogspot.pt/2016/02/instituicoes-viii.html> [Consult. Maio 2016].
- Figura 23**\_Estação dos Correios – Século XX ..... 37  
**Fonte:** Disponível em <http://ruabaixoruacima.blogspot.pt/2016/02/instituicoes-viii.html> [Consult. Maio 2016].
- Figura 24**\_Correios no Edifício Térreo na lateral Direita da Igreja ..... 37  
**Fonte:** Disponível em <http://ruabaixoruacima.blogspot.pt/2016/02/instituicoes-viii.html> [Consult. Maio 2016].
- Figura 25**\_ Correios, Telégrafos e Telefones - 1961..... 37  
**Fonte:** Disponível em <http://ruabaixoruacima.blogspot.pt/2016/02/instituicoes-viii.html> [Consult. Maio 2016].
- Figura 26**\_Mulheres na Industria Conserveira ..... 38  
**Fonte:** Disponível em <http://obatestacas.blogspot.pt/2011/05/olhao-new-york-lusa-da-industria-de.html> [Consult. Maio 2016].
- Figura 27**\_Fabrica Delory - 1881..... 39  
**Fonte:** Disponível em <http://canthecanlisboa.com/wp-content/uploads/2015/05/Ponente1.jpg> [Consult. Maio 2016].

<b>Figura 28</b> _Barcos de pesca antigos.....	39
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://canthecanlisboa.com/wp-content/uploads/2015/05/BarcosPesca.jpg">http://canthecanlisboa.com/wp-content/uploads/2015/05/BarcosPesca.jpg</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 29</b> _Barcos de pesca antigos.....	40
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.olhao.web.pt/images/Museu/Levante.jpg">http://www.olhao.web.pt/images/Museu/Levante.jpg</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 30</b> _Pesca do atum copejada.....	40
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://anamargaridapalmeiraebomeeugosto.blogs.sapo.pt/pesca-do-atum-ii-armacoes-de-tavira-23892">http://anamargaridapalmeiraebomeeugosto.blogs.sapo.pt/pesca-do-atum-ii-armacoes-de-tavira-23892</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 31</b> _Mariscador em frente ao Marina Hotel.....	41
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://94.126.171.18/fotov.php?id=29146">http://94.126.171.18/fotov.php?id=29146</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 32</b> _Estaleiro de construção naval antigo na Barreta.....	41
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.olhao.web.pt/images/Museu/EstaleiroBarreta.jpg">http://www.olhao.web.pt/images/Museu/EstaleiroBarreta.jpg</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 33</b> _Evolução Urbana da Cidade.....	43
<b>Fonte:</b> Disponível em Dissertação de Mestrado em História de Sandra Romba pg.138 [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 34</b> _Areas de Expansão Urbana da Cidade.....	43
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/7465/1/RombaEvolucao.pdf">https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/7465/1/RombaEvolucao.pdf</a> pg.16 [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 35</b> _Local da Intervenção.....	44
<b>Fonte:</b> Disponível em Dissertação de Mestrado em História de Sandra Romba pg.128 [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 36</b> _ Estação dos Comboios (construída de 1903 a 1904). .....	44
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.olhao.web.pt/images/Museu/Comboio.jpg">http://www.olhao.web.pt/images/Museu/Comboio.jpg</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 37</b> _Jardim João Serra - 1903.....	45
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://ruabaixoruacima.blogspot.pt/search/label/Jardim%20Jo%C3%A3o%20Serra">http://ruabaixoruacima.blogspot.pt/search/label/Jardim%20Jo%C3%A3o%20Serra</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 38</b> _ Banco do Jardim João Serra - 1903.....	45
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://ruabaixoruacima.blogspot.pt/search/label/Jardim%20Jo%C3%A3o%20Serra">http://ruabaixoruacima.blogspot.pt/search/label/Jardim%20Jo%C3%A3o%20Serra</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 39</b> _ Banco do Jardim João Serra - 1903.....	45
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://ruabaixoruacima.blogspot.pt/search/label/Jardim%20Jo%C3%A3o%20Serra">http://ruabaixoruacima.blogspot.pt/search/label/Jardim%20Jo%C3%A3o%20Serra</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 40</b> _Jardim João Serra.....	46
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 41</b> _ Bairro Operário .....	47
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 42</b> _ Bairro 28 de Setembro - 2016.....	48
<b>Fonte:</b> Autor	

<b>Figura 43</b> _Bairro da Cavalinha-2016 .....	48
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 44</b> _Bairro dos Pescadores-2016.....	48
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 45</b> _Vista Panorâmica de Olhão .....	49
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://ria-formosa-cidades-imagens.pt.algarve-portal.com/">http://ria-formosa-cidades-imagens.pt.algarve-portal.com/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 46</b> _Vista das Açoteias e Mirantes.....	50
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="https://holidaysportugal.eu/algarve/wp-content/uploads/sites/3/2015/09/Zona-Historica.jpg">https://holidaysportugal.eu/algarve/wp-content/uploads/sites/3/2015/09/Zona-Historica.jpg</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 47</b> _Cataplana de Marisco .....	50
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.absolutportugal.com/festival-de-mariscos-de-olhao-2011/">http://www.absolutportugal.com/festival-de-mariscos-de-olhao-2011/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 48</b> _Sardinha Assada.....	50
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="https://pt.pinterest.com/pin/213358101069844607/">https://pt.pinterest.com/pin/213358101069844607/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 49</b> _Vista das Praças .....	50
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://94.126.171.18/fotov.php?id=27184">http://94.126.171.18/fotov.php?id=27184</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 50</b> _Casa de um piso e projeto tipo-Bairro dos Pescadores .....	51
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 51</b> _Casa de dois pisos e projeto tipo-Bairro dos Pescadores.....	52
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 52</b> _Açoteias e Mirantes.....	52
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="https://pt.pinterest.com/pin/292382200787377678/">https://pt.pinterest.com/pin/292382200787377678/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 53</b> _Museu (Compromisso Marítimo).....	53
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 54</b> _Vista aérea da zona histórica Casablanca .....	54
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://cidadesemfotos.blogspot.pt/2014/03/fotos-de-rabat-marrocos.html">http://cidadesemfotos.blogspot.pt/2014/03/fotos-de-rabat-marrocos.html</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 55</b> _Planta de Implantação .....	55
<b>Fonte:</b> Do Autor	
<b>Figura 56</b> _Vista aérea do local de intervenção .....	56
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.turismoeviagens.com/fotos_31016_olhao_vista_aerea_de_olhao.html">http://www.turismoeviagens.com/fotos_31016_olhao_vista_aerea_de_olhao.html</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 57</b> _Local de intervenção .....	56
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 58</b> _Vista panorâmica do Marina Hotel .....	57
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.turismoeviagens.com/fotos_31016_olhao_vista_aerea_de_olhao.html">http://www.turismoeviagens.com/fotos_31016_olhao_vista_aerea_de_olhao.html</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 59</b> _Vista panorâmica do local de intervenção.....	57
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.turismoeviagens.com/fotos_31016_olhao_vista_aerea_de_olhao.html">http://www.turismoeviagens.com/fotos_31016_olhao_vista_aerea_de_olhao.html</a> [Consult. Maio 2016].	

<b>Figura 60_Vista aérea do local de intervenção .....</b>	<b>57</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.turismoeviagens.com/fotos_31016_olhao_vista_aerea_de_olhao.html">http://www.turismoeviagens.com/fotos_31016_olhao_vista_aerea_de_olhao.html</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 61_Fotografia antiga das açoteias e mirantes .....</b>	<b>58</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.origens.pt/explorar/doc.php?id=8646">http://www.origens.pt/explorar/doc.php?id=8646</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 62_Arte Xávega .....</b>	<b>63</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://sesimbraepeixe.pt/?p=51">http://sesimbraepeixe.pt/?p=51</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 63_Redes de Cerco .....</b>	<b>64</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://sesimbraepeixe.pt/?p=59">http://sesimbraepeixe.pt/?p=59</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 64_Traineira na faina da pesca da sardinha .....</b>	<b>64</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.sulinformacao.pt/2015/04/quotas-pesca-da-sardinha-sobem-precos-e-ate-santos-populares-estao-em-risco/">http://www.sulinformacao.pt/2015/04/quotas-pesca-da-sardinha-sobem-precos-e-ate-santos-populares-estao-em-risco/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 65_Jardim dos Pescadores.....</b>	<b>65</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="https://algarvepressdiario.wordpress.com/page/41/">https://algarvepressdiario.wordpress.com/page/41/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 66_Sardinha assada na rua.....</b>	<b>65</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.sulinformacao.pt/tag/sardinha/">http://www.sulinformacao.pt/tag/sardinha/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 67_Pesca do Atum.....</b>	<b>66</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://algarvehistoriacultura.blogspot.pt/2009/07/pesca-do-atum-no-algarve.html">http://algarvehistoriacultura.blogspot.pt/2009/07/pesca-do-atum-no-algarve.html</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 68_Pesca do Atum.....</b>	<b>67</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://algarvehistoriacultura.blogspot.pt/2009/07/pesca-do-atum-no-algarve.html">http://algarvehistoriacultura.blogspot.pt/2009/07/pesca-do-atum-no-algarve.html</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 69_Pesca do Atum.....</b>	<b>68</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://algarvehistoriacultura.blogspot.pt/2009/07/pesca-do-atum-no-algarve.html">http://algarvehistoriacultura.blogspot.pt/2009/07/pesca-do-atum-no-algarve.html</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 70_Pesca do Atum.....</b>	<b>68</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://algarvehistoriacultura.blogspot.pt/2009/07/pesca-do-atum-no-algarve.html">http://algarvehistoriacultura.blogspot.pt/2009/07/pesca-do-atum-no-algarve.html</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 71_Pesca do Atum.....</b>	<b>68</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="https://pt.pinterest.com/pin/514677063640097416/">https://pt.pinterest.com/pin/514677063640097416/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 72_Porto de Abrigo dos Bacalhoeiros em Saint Jonhs, Ilha Newfland, Canadá .....</b>	<b>69</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.embarquenaviagem.com/2016/02/17/st-johns-a-cidade-das-lendas/">http://www.embarquenaviagem.com/2016/02/17/st-johns-a-cidade-das-lendas/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 73_Caravelas primeira embarcação utilizada na pesca do bacalhau .....</b>	<b>70</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://marinhadeguerraportuguesa.blogspot.pt/2015_06_01_archive.html">http://marinhadeguerraportuguesa.blogspot.pt/2015_06_01_archive.html</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 74_Cruzador carvalho Araújo .....</b>	<b>70</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/02/marinha-de-guerra-portuguesa-5.html">http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/02/marinha-de-guerra-portuguesa-5.html</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 75_Gil Eanes em 1927.....</b>	<b>71</b>
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://naviosavista.blogspot.pt/2008/12/navios-de-pavilho-portugus-atacados-ou_31.html">http://naviosavista.blogspot.pt/2008/12/navios-de-pavilho-portugus-atacados-ou_31.html</a> [Consult. Maio 2016].	

- Figura 76**\_Gil Eanes em 1955..... 71  
**Fonte:** Disponível em <https://ariscaropatrimonio.wordpress.com/edicao-de-2015/viana-do-castelo/> [Consult. Maio 2016].
- Figura 77**\_Lugre-motor Argus ..... 72  
**Fonte:** Disponível em [http://naviosavista.blogspot.pt/2008/12/navios-de-pavilho-portugus-atacados-ou\\_31.html](http://naviosavista.blogspot.pt/2008/12/navios-de-pavilho-portugus-atacados-ou_31.html) [Consult. Maio 2016].
- Figura 78**\_Pescador e Dori, carregado de bacalhau..... 72  
**Fonte:** Disponível em <http://riodosbonsinais.blogspot.pt/2014/08/outras-navegacoes-bacalhau-com-doris.html> [Consult. Maio 2016].
- Figura 79**\_Dori à vela junto a um iceberg ..... 73  
**Fonte:** Disponível em <http://riodosbonsinais.blogspot.pt/2014/08/outras-navegacoes-bacalhau-com-doris.html> [Consult. Maio 2016].
- Figura 80**\_Pescador a bordo do Creoula ..... 73  
**Fonte:** Disponível em <http://riodosbonsinais.blogspot.pt/2014/08/outras-navegacoes-bacalhau-com-doris.html> [Consult. Maio 2016].
- Figura 81**\_Lugre-motor Creoula ..... 74  
**Fonte:** Disponível em <http://riodosbonsinais.blogspot.pt/2014/08/outras-navegacoes-os-mais-belos-lugres.html> [Consult. Maio 2016].
- Figura 82**\_Pescador descarregando o bacalhau para os quetes do navio ..... 74  
**Fonte:** Disponível em <http://riodosbonsinais.blogspot.pt/2014/08/outras-navegacoes-bacalhau-com-doris.html> [Consult. Maio 2016].
- Figura 83**\_Bacalhoeiros fundeados em frente ao Jerónimos, à espera de receber a bênção ..... 75  
**Fonte:** Disponível em [http://naviosavista.blogspot.pt/2008/12/navios-de-pavilho-portugus-atacados-ou\\_31.html](http://naviosavista.blogspot.pt/2008/12/navios-de-pavilho-portugus-atacados-ou_31.html) [Consult. Maio 2016].
- Figura 84**\_Pesca á linha do bacalhau ..... 76  
**Fonte:** Disponível em <http://riodosbonsinais.blogspot.pt/2014/08/outras-navegacoes-bacalhau-com-doris.html> [Consult. Maio 2016].
- Figura 85**\_Navio, Doris e pescadores descarregando o pescado..... 77  
**Fonte:** Disponível em <http://marinheirojimmy.blogs.sapo.pt/tag/terra+nova> [Consult. Maio 2016].
- Figura 86**\_Pesca do Bacalhau ..... 77  
**Fonte:** Disponível em <http://cardumebrasil.blogspot.pt/2012/03/filatelia-pesca-de-bacalhau.html> [Consult. Maio 2016].
- Figura 87**\_Arrasto do bacalhau ..... 78  
**Fonte:** Disponível em <http://marinheirojimmy.blogs.sapo.pt/tag/snab> [Consult. Maio 2016].
- Figura 88**\_Bacalhau do Atlântico (Príncipe dos Mares do Norte) ..... 79  
**Fonte:** Disponível em <http://www.aredepescados.com.br/produtos/tipos-de-bacalhau/#bacalhaudopacifico> [Consult. Maio 2016].
- Figura 89**\_Bacalhau do Pacífico (Bagre marinus)..... 79  
**Fonte:** Disponível em <http://www.aredepescados.com.br/produtos/tipos-de-bacalhau/#bacalhaudopacifico> [Consult. Maio 2016].
- Figura 90**\_Bacalhau Sithe..... 80  
**Fonte:** Disponível em <http://www.aredepescados.com.br/produtos/tipos-de-bacalhau/#bacalhaudopacifico> [Consult. Maio 2016].

<b>Figura 91_Bacalhau Ling</b> .....	80
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.aredepescados.com.br/produtos/tipos-de-bacalhau/#bacalhaudopacifico">http://www.aredepescados.com.br/produtos/tipos-de-bacalhau/#bacalhaudopacifico</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 92_Fachada do Museu Nacional Marítimo</b> .....	83
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.venturehostels.com/pt-pt/attractions/">http://www.venturehostels.com/pt-pt/attractions/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 93_Sala de exposição</b> .....	84
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://mapadelondres.org/museu-nacional-maritimo/">http://mapadelondres.org/museu-nacional-maritimo/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 94_Sala de exposição</b> .....	84
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://mapadelondres.org/museu-nacional-maritimo/">http://mapadelondres.org/museu-nacional-maritimo/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 95_Sala de exposição</b> .....	84
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://mapadelondres.org/museu-nacional-maritimo/">http://mapadelondres.org/museu-nacional-maritimo/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 96_Fachada do Museu Marítimo do Atlântico</b> .....	85
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.touristlink.com.br/Canadá/museu-maritimo-do-atlantico/overview.html">http://www.touristlink.com.br/Canadá/museu-maritimo-do-atlantico/overview.html</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 97_Museu Marítimo do Atlântico</b> .....	85
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="https://www.expedia.com.br/Maritime-Museum-Of-The-Atlantic-Halifax.d6072665.Guia-de-Viagem">https://www.expedia.com.br/Maritime-Museum-Of-The-Atlantic-Halifax.d6072665.Guia-de-Viagem</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 98_Sala de exposições</b> .....	86
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="https://www.expedia.com.br/Maritime-Museum-Of-The-Atlantic-Halifax.d6072665.Guia-de-Viagem">https://www.expedia.com.br/Maritime-Museum-Of-The-Atlantic-Halifax.d6072665.Guia-de-Viagem</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 99_Sala de exposições</b> .....	86
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="https://www.expedia.com.br/Maritime-Museum-Of-The-Atlantic-Halifax.d6072665.Guia-de-Viagem">https://www.expedia.com.br/Maritime-Museum-Of-The-Atlantic-Halifax.d6072665.Guia-de-Viagem</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 100_Fachada do Museu Marítimo Osaka</b> .....	87
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.touristlink.com.br/Canadá/museu-maritimo-do-atlantico/overview.html">http://www.touristlink.com.br/Canadá/museu-maritimo-do-atlantico/overview.html</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 101_Vista aérea do Museu Marítimo Osaka</b> .....	87
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://openbuildings.com/buildings/osaka-maritime-museum-profile-3058">http://openbuildings.com/buildings/osaka-maritime-museum-profile-3058</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 102_Corte do Museu Marítimo Osaka</b> .....	88
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.constructalia.com/repository/transfer/pt/resources/ContenidoProyect/00157012Foto_big.jpg">http://www.constructalia.com/repository/transfer/pt/resources/ContenidoProyect/00157012Foto_big.jpg</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 103_Corte do Museu Marítimo Osaka</b> .....	88
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="https://pt.pinterest.com/pin/498914464945902931/">https://pt.pinterest.com/pin/498914464945902931/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 104_Interior do Museu Marítimo Osaka</b> .....	88
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="https://en.wikipedia.org/wiki/Osaka_Maritime_Museum#/media/File:Osaka_Maritime_Museum_Tunnel.jpg">https://en.wikipedia.org/wiki/Osaka_Maritime_Museum#/media/File:Osaka_Maritime_Museum_Tunnel.jpg</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 105_Sala de exposições</b> .....	88
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="https://en.wikipedia.org/wiki/Osaka_Maritime_Museum#/media/File:Osaka_Maritime_Museum_Tunnel.jpg">https://en.wikipedia.org/wiki/Osaka_Maritime_Museum#/media/File:Osaka_Maritime_Museum_Tunnel.jpg</a> [Consult. Maio 2016].	

<b>Figura 106_</b> Fachada do Museu do Mar Rei D. Carlos .....	90
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://magazine.guiadacidade.pt/cascais-a-tradicao-do-mar/">http://magazine.guiadacidade.pt/cascais-a-tradicao-do-mar/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 107_</b> Sala de exposições .....	90
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.cm-cascais.pt/equipamento/museu-do-mar-rei-d-carlos">http://www.cm-cascais.pt/equipamento/museu-do-mar-rei-d-carlos</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 108_</b> Sala de exposições .....	90
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.cm-cascais.pt/equipamento/museu-do-mar-rei-d-carlos">http://www.cm-cascais.pt/equipamento/museu-do-mar-rei-d-carlos</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 109_</b> Sala de exposições .....	91
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.cm-cascais.pt/equipamento/museu-do-mar-rei-d-carlos">http://www.cm-cascais.pt/equipamento/museu-do-mar-rei-d-carlos</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 110_</b> Fachada do Museu Marítimo de Ílhavo .....	91
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://vamoslaaveiro.blogspot.pt/p/dicas-que-ver.html">http://vamoslaaveiro.blogspot.pt/p/dicas-que-ver.html</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 111_</b> Sala de exposições .....	92
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-maritimo-de-ilhavo/">http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-maritimo-de-ilhavo/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 112_</b> Sala de exposições .....	92
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-maritimo-de-ilhavo/">http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-maritimo-de-ilhavo/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 113_</b> Santo-André arrasto do bacalhau .....	93
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-maritimo-de-ilhavo/">http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-maritimo-de-ilhavo/</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 114_</b> sala de exposições.....	93
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://terrademaresol.blogspot.pt/2013/10/museu-maritimo-de-ilhavo.html">http://terrademaresol.blogspot.pt/2013/10/museu-maritimo-de-ilhavo.html</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 115_</b> Sala de exposições .....	94
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.museumaritimo.cm-ilhavo.pt/pages/16">http://www.museumaritimo.cm-ilhavo.pt/pages/16</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 116_</b> Sala de exposições .....	94
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.museumaritimo.cm-ilhavo.pt/pages/17">http://www.museumaritimo.cm-ilhavo.pt/pages/17</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 117_</b> Sala de exposições .....	95
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.museumaritimo.cm-ilhavo.pt/pages/18">http://www.museumaritimo.cm-ilhavo.pt/pages/18</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 118_</b> Sala de exposições .....	96
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.museumaritimo.cm-ilhavo.pt/pages/28">http://www.museumaritimo.cm-ilhavo.pt/pages/28</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 119_</b> Vista do aquário .....	96
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=129925580">http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=129925580</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 120_</b> Fachada do Museu dos Baleeiros.....	98
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-museu-dos-baleeiros-18901">https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-museu-dos-baleeiros-18901</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 121_</b> Sala de exposições .....	98
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pgra-drcultura-mrp/textoImagem/Museu+Baleeiros.htm">http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pgra-drcultura-mrp/textoImagem/Museu+Baleeiros.htm</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 122_</b> Sala de exposições .....	98
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="http://agenda.acores2016.pt/museus.html">http://agenda.acores2016.pt/museus.html</a> [Consult. Maio 2016].	

<b>Figura 123</b> _Planta de Implantação .....	102
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 124</b> _Planta Piso 0_Edifício 1 .....	103
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 125</b> _Planta Piso 1_Edifício 1 .....	104
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 126</b> _Planta Cobertura_Edifício 1 .....	104
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 127</b> _Pormenor Construtivo_Edifício 1 .....	105
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 128</b> _Corte B-B'_Edifício 1 .....	106
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 129</b> _Corte C-C'_Edifício 1 .....	106
<b>Fonte:</b> Do Autor	
<b>Figura 130</b> _Corte D-D'_Edifício 1 .....	107
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 131</b> _Alçado Este_Edifício 1 .....	107
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 132</b> _Alçado Sul_Edifício 1 .....	107
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 133</b> _Alçado Oeste_Edifício 1 .....	108
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 134</b> _Planta Piso 0_Edifício 2 .....	109
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 135</b> _Planta Piso 1_Edifício 2 .....	110
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 136</b> _Planta Cobertura_Edifício 2 .....	110
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 137</b> _Fachada de São Pedro com colunas da ordem colossal .....	111
<b>Fonte:</b> Disponível em <a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_colossal">https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_colossal</a> [Consult. Maio 2016].	
<b>Figura 138</b> _Alçado Norte_Edifício 2 .....	111
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 139</b> _Alçado Sul_Edifício 2 .....	112
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 140</b> _Alçado Este_Edifício 2 .....	113
<b>Fonte:</b> Autor	
<b>Figura 141</b> _Alçado Oeste_Edifício 2 .....	113
<b>Fonte:</b> Autor	

**Figura 142**\_Corte E-E'\_Edifício 2 .....114  
**Fonte:** Autor

**Figura 143**\_Corte F-F'\_Edifício 2 .....114  
**Fonte:** Autor

**Figura 144**\_Corte G-G'\_Edifício 2 .....115  
**Fonte:** Autor

**Figura 145**\_Interior do Piso 0\_Edifício 2 (Aquário) 3D .....115  
**Fonte:** Autor

**Figura 146**\_Interior do Piso 1\_Edifício 2 (Aquário) 3D .....115  
**Fonte:** Autor

**Figura 147**\_Perspetiva dos dois Edifícios-3D.....117  
**Fonte:** Autor



“O mar português, mais do que o mar do passado, é o mar do futuro”, uma influência determinante na história de Portugal, que esteve presente durante todas as épocas da história portuguesa, “do nascimento, ao apogeu, à decadência e às tentativas de regeneração”, (Meneses, 2007) e foi esta dependente influência do mar, que permitiu conquistar e perder património do mar, esta sua presença foi deixando marcas no território e até mesmo nas pessoas, e por isso constitui o património marítimo.<sup>1</sup>

Uma das heranças do passado, a tradição e património Marítimo, torna-se pertinente cuidar do património e das memórias que ainda restam de momentos marítimos passados, como é o caso da indústria da pesca em Olhão.

Assim a presente dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arquitetura, pretenderá abordar a temática do mar, numa perspetiva que pretende relacionar “A memória, o património marítimo e arquitetónico em Olhão”.

Sendo as problemáticas a ser desenvolvidas, as seguintes: Como é que Olhão evoluiu? Vila de Olhão da Restauração? Justificação do projeto, lugar e sua caracterização? O tema e objetivos da Dissertação?

Para responder a estas questões é necessário definir os objetivos que irão nortear a dissertação, assim os principais objetivos são:

- I. Reinterpretar a história;
- II. Justificação do projeto;
- III. Escolha do lugar e a sua caracterização;
- IV. Projeto.

O presente trabalho encontra-se dividido em cinco partes. A primeira parte “Cidade de Olhão: faz uma reinterpretação da história do passado e presente. Refere ainda a importância da justificação do projeto, a escolha do lugar e a sua caracterização.

---

<sup>1</sup> Meneses, Avelino de Freitas de, 2007, *Portugal é o mar*, Universidade dos Açores, p. 194-195

A segunda parte “Estudos de Casos” dedica-se a uma abordagem de alguns exemplos de museus que se dedicam a salvaguardar o património marítimo tanto ao nível internacional como nacional, e ainda os museus que se dedicam ao património bacalhoeiro português.

A terceira parte é dedicado ao “Projeto”, fazendo referência ao Conceito que levou à proposta de intervenção.

A quarta parte é dedicado ao “Desenho Técnico”, peças desenhadas, mostrando o desenvolvimento do projeto em plantas, cortes e alçados.

A quinta parte é dedicado aos “Anexos”, onde se apresentam os esquiços, os 3D e as fotografias da maquete.



**Parte I: Cidade de Olhão**



## Reinterpretar a história

### 1. Evolução do Lugar do Olhão a Vila de Olhão da Restauração: Consolidação Estrutura da Vila de Olhão

Em Portugal a Revolta contra a Invasão Francesa liderada por Junot iniciou-se no Norte a 6 de junho de 1808, foi proclamada a Restauração da Casa de Bragança. Este movimento contagiou todo o norte do reino, dia após dia, registaram-se sublevações nas principais localidades.

Junot tentou inverter os levantamentos mas já não conseguiu fazê-lo. A revolta espalhou-se velozmente para sul, chegando ao Algarve, e foi em Olhão que se ouviu o primeiro brado contra os franceses. Nas vésperas da festa de Santo António no dia 12 de junho 1808, que João da Rosa, escrivão do Compromisso Marítimo de Olhão, abriu as portas à revolta, num ato simbólico manifestou-se contra o invasor francês – destapou os símbolos reais portugueses existentes na parte superior da capela, que haviam sido cobertos por ordem do general Junot, esta situação provocou uma reação patriótica que se propagou e contagiou os Olhanenses.<sup>2</sup>

No dia seguinte, depois de terem ido à missa e visto as armas descobertas, os pescadores embandeiraram as suas embarcações com símbolos Nacionais e gritaram vivas à Liberdade e à coroa Portuguesa.

Esta primeira manifestação de oposição não foi considerada como ameaça para o general francês Maurim, que avaliou “mal” o lugar como calmo, porque em Olhão estava aquartelada uma guarnição francesa de 20 militares, desde 14 de abril de 1808, o que numa pequena aldeia como era Olhão, apontava por si só, uma revolta já em curso.

Por todo o Algarve começava a ser incentivada a reação contra as tropas francesas, Olhão não era o único caso. Em 16 de junho de 1808 deram início as hostilidades em Olhão, contra os franceses, era dia de Corpo de Deus. Na porta da igreja de Nossa Senhora do Rosário, foi afixado um edital de Junot, a convidar os portugueses a se alistarem contra a revolta em Espanha.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Vieira, Carla da Costa, 2009, *Olhão Junho de 1808*, Rainha & Neves, p. 15-17

<sup>3</sup> Ibid, p. 18-19



Figura 1\_Revolta dos populares em frente à igreja Matriz

O coronel José Lopes de Sousa, governador de Vila Real de Santo António, ao ler edital, ficou indignado e muito revoltado, rasgando o edital, proferiu **“Ah Portugueses já não merecemos este nome, nada somos já”**.<sup>4</sup>

Estas palavras provocaram o efeito de rastilho, dando origem à revolta emocional do povo que ali estava, com manifestações muito intensivas de patriotismo. Durante a missa o padre também, se manifestou simbolicamente contra o poder francês, a bandeira Nacional foi içada na torre da igreja e os sinos tocaram a rebate em chamamento do povo das freguesias limites, para a revolta. Surgiram gentios de Moncarapacho, Fuzeta e Pechão, que responderam ao chamamento patriótico, alistando-se nas milícias dirigidas por José Martins de Beira.

O coronel Lopes de Sousa foi o responsável pela revolta, foi ele que ordenou para que os pescadores, se fossem armar ao forte da barra da Armona, estes carregaram armas e munições fornecidas pelo comandante do forte, sargento Jacinto Ramalho Ortigão.

O povo em armas, ingressou nas fileiras dos insuficientes militares portugueses que estavam estacionados em Olhão.

A defesa da costa, ficou a cargo de um grupo de pescadores, dirigidos pelo sargento José Gonçalves, em terra o sargento Joaquim José de Gusmão, tentou organizar uma companhia de caçadores.

---

<sup>4</sup> Ibid, p. 20

O coronel Lopes de Sousa, deslocou-se à Ilha Cristina, para pedir ajuda à Esquadra Inglesa lá fundeada, no sentido de obter armamento, para equipar as melícias olhanenses, ou mesmo uma intervenção direta dos aliados ingleses, o coronel não conseguiu a ajuda pretendida, apenas conseguindo algumas espingardas em pequena quantidade.<sup>5</sup>

As notícias da revolta de Olhão tinham chegado a Faro; o corregedor Goguet chamou a sua casa algumas das autoridades da cidade, entre as quais o major Landerset e encarregou-as de seguirem até Olhão e ali acalmarem os ânimos, quer através de ameaças, quer por uma tentativa de negociação com o povo, oferecendo perdões e prémios. Os franceses não teriam mais de 900 homens em todo o Algarve, segundo relatos da época.

Estava a caminho um total de 185 granadeiros e caçadores de Tavira para auxiliarem as tropas francesas de Faro – foi esta a notícia que chegou aos ouvidos do capitão Sebastião Martins Mestre e do coronel Lopes de Sousa, os quais decidiram de imediato contrariar a intensão desse reforço militar.

Na manhã do dia 18 de Junho, acompanhado por alguns elementos populares armados, o capitão Sebastião Martins Mestre embarcou com o objetivo de defrontar as tropas francesas no mar. Alguns pescadores, entusiasmados, seguiram o capitão com as suas lanchas, ao chegarem à Barra de Faro, cruzaram-se com três embarcações, onde seguiam soldados da famosa Legião do Meio-Dia. Estes, ao avistarem as embarcações olhanenses, aproximaram-se, julgando que se tratava apenas de lanchas de pescadores que iam para a faina do mar, foram surpreendidos, confrontados com gente armada, o capitão Sebastião Mestre e os seus homens impuseram-lhes uma derrota humilhante. Segundo os relatos da época, foram feitos prisioneiros, três oficiais e setenta e sete soldados da famosa legião, tal como as suas armas e munições.

---

<sup>5</sup> Ibid, p. 21-23



*Figura 2\_Monumento aos heróis da Restauração*

No mesmo dia, aconteceu outro confronto com tropas francesas na ponte de Quelfes, o qual se tornou no episódio militar mais emblemático do levantamento de Olhão.



*Figura 3\_Ponte de Quelfes*



*Figura 4\_Ponte de Quelfes*



Figura 5\_ Descrição do acontecimento da derrota dos Franceses

A província passou a ser governada por um Supremo Conselho de Regência da Justiça e Guerra, usualmente denominado de Junta Suprema Provisional do reino do Algarve, que atuava em nome do Príncipe Regente e no qual tinham representação dos quatro grandes grupos sociais. Clero, nobreza, povo e militares.

Reunida na Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo, em Faro, a Junta elegeu como governador do Algarve, o tenente-general Francisco de Melo da Cunha de Mendonça e Menezes, futuro duque de Olhão.

A mesma Junta Suprema acordou em enviar a corte no Rio de Janeiro a notícia da restauração do Algarve. Para isso, rumou ao Brasil um pequeno caíque, o Bom Sucesso, com uma tripulação de menos de duas dezenas de mareantes.<sup>6</sup>



Figura 6\_ Caíque

<sup>6</sup> Ibid, p. 24-26

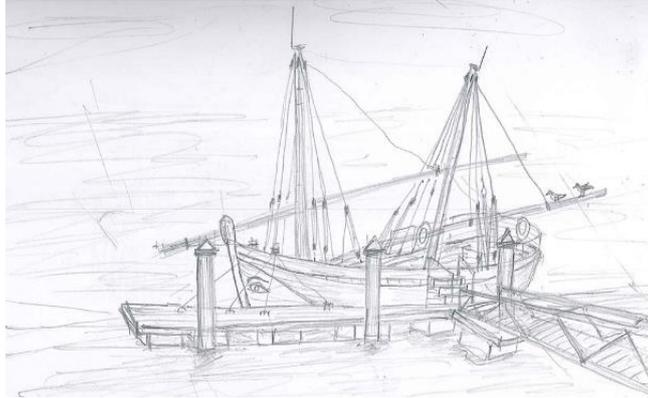


Figura 7\_Desenho do Caíque

## 2. Olhão antigo



Figura 8\_Vista de Olhão antigo

Ao se fixarem as populações neste local implantaram-se na ria Formosa e na costa Oceânica as suas artes de pesca, fixas e móveis, com o objetivo de capturarem o pescado que lhes permitia subsistência e prosperidade.

Inicialmente, e durante muitos e longos anos, estas artes eram artesanais, de um engenho digno de louvar, que garantiram a subsistência dos seus utilizadores.

A cidade de Olhão tem, sem dúvida alguma, a sua origem na ligação direta com os pescadores que operavam no Mar e na Ria Formosa, com as suas primitivas e frágeis embarcações à vela e a remos, que também eram utilizadas para fazer cabotagem, dos mais diversos produtos com rumo ao Mediterrâneo, Marrocos etc. Os seus primeiros habitantes talvez fossem na maioria moçárabes, de todos os povoados, uns da beira-mar, outros mais do interior, como tem defendido Dr. Fernandes Lopes, montanheiros e marítimos e não apenas estes, terão construído o fundo populacional do novo lugar. Estes habitantes atraídos pela presença de água potável em abundância, fixaram-se ao lugar, também porque a água era preciosa e rara na região. Uma “olham” ou “grande olho” de água, potável e magnífica, jorrava continuamente em elevado caudal, que alguns séculos depois, ainda chegava para abastecer a população de mais de uma dezena de milhares de pessoas.<sup>7</sup>

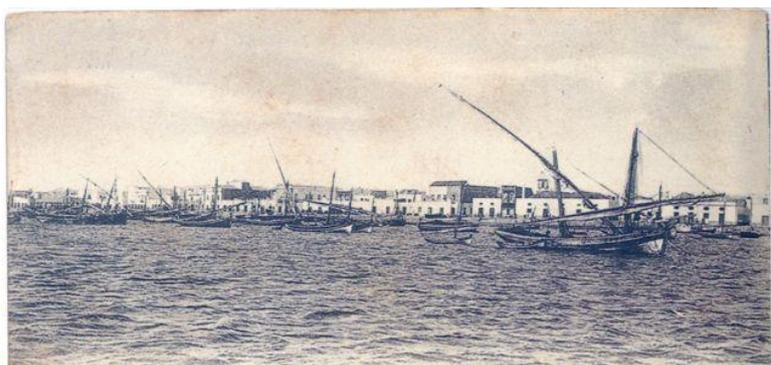


Figura 9\_ Av. 5 de Outubro em 1908 (antes da construção dos Mercados, em 1912)



Figura 10\_ Descarga de peixe, nos anos de 1920.

<sup>7</sup> Nobre, Antero, 2008, *Opúsculos Históricas sobre Olhão*, Rainha & Neves, p. 13-16

*“É possível que o sítio da magnífica “olham” fosse, como sugeriu igualmente o Dr. Alberto Iria, aquele onde, em 1294, já «fundeavam os baixios» e onde, nesse ano, El-Rei D. Dinis concedeu por aforamento, a séssega de uma azenha, a um tal Pedro Tomaz e sua mulher; e é possível ainda que a velha torre de Marim, construída pelo mesmo Rei em frente da barra, não se destinasse apenas a defender esta, e os campos que lhe ficavam próximos, das investidas de piratas, mas para proteger da mesma forma o aglomerado de cabanas já então estabelecido junto da referida “olham” como sugeriu o Dr. J. Fernandes Lopes Mascarenhas. No documento mais antigo onde consta a designação de “logo do olham” (ou Lugar de Olhão) – uma escritura descoberta pelo Dr. Alberto Iria, pela qual El-Rei D. Fernando deu de aforamento em 1378, a um tal João Bariom, uma courela que ali possuía – nesse documento não há qualquer referência a cabanas e sim apenas a vinhas, figueirais e herdades, tão poucas deviam ser ainda as habitações que ali então havia, se é que outras, com efeito já ali se podiam assinalar, além daquelas poucas, e espalhadas pelos campos, que necessariamente serviam aos proprietários e aos servos das vinhas, dos figueirais e das herdades. O certo é que notícias demonstrativas da existência de povoado com alguma importância, só posteriores ao século XVI hoje as temos desse Sítio do Olham, Logar do Olham, Praia do Olham ou Logar do Poço do Olham, que por todas estas designações ele então começa a aparecer mencionado.” (Nobre, 2008)*

Segundo Antero Nobre, Olhão não existiria como vila, posteriormente, como cidade se os primeiros pescadores, originariamente do Norte, mais especificamente do distrito de Aveiro, talvez da freguesia de Ovar ou Ílhavo, porque em nenhuma praia Algarvia se encontram pescadores mais audazes e com melhores disposições para a faina do mar e que se possam abeirar dos pescadores de Olhão.

O que mostraria descenderem estes de raça diferente dos restantes pescadores algarvios, talvez dessa raça marítima; as características físicas, psíquicas, morais e intelectuais dos olhanenses são em tudo semelhantes às dos ovarinos e ílhavos; as rendas de bilros, obra-prima das mulheres de Ovar, no Algarve só as fazem com igual perfeição as mulheres de Olhão.

E disto, e só disto, que nem sequer prima pelo rigor e comporta muitos exageros e algumas inexatidões flagrantes, concluem que uma colónia de ovarinos e ílhavos se teria fixado no sítio que depois foi conhecido por Olhão, aí por alturas dos séculos XVI ou XVII, quando a povoação ainda nem sequer existiria, dando origem ao aglomerado de cabanas que, a partir de então, começaria a crescer vertiginosamente em breves anos numa das mais populosas e importantes vilas de Portugal.<sup>8</sup>



Figura 11\_As primitivas cabanas em Olhão

*“O pescador de Olhão bastava-se a si próprio. O espírito de independência reinava e desde a construção da própria casa à improvisação das artes piscatórias e o aproveitamento dos meios materiais ao seu alcance, constituíram uma forma de vida muito própria e notada no espírito da classe. As casas construía-m-nas perto da beira-mar, agrupadas com os meios que as rodeavam. Nas dunas e barreiras das praias, colhiam o barrão, que com estruturas de paus e canas da Índia, formaram as primeiras cabanas, que foram evoluindo para as paredes laterais em alvenaria e finalmente foram substituídas por telhados com placas de açoteias, sobre abóbodas de tijolos, dando origem à primeira povoação no lugar de Olhão”.* (Vaz, 2009)

---

<sup>8</sup> Ibid, p. 170-175

As suas primeiras casas eram palhotas de junco e canas fixadas no areal junto ao mar, que originaram ao longo dos anos e de árduo trabalho, de várias gerações, as construções em alvenaria de pedra de terra e taipa, chegando aos nossos dias, ainda erguidas na zona histórica de Olhão – bairro da Barreta, bairro Sete Cotovelos, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário e a Capela de Nosso Senhor dos Aflitos localizam-se no Centro Histórico de Olhão, “tendo a primeira pedra do templo sido lançada a 4 de junho de 1698, no reinado de D. Pedro II”, Ermida de Nossa Senhora da Soledade “primeiro edifício de alvenaria construído em Olhão, que serviu de Igreja Matriz até à construção da Igreja da Nossa Senhora do Rosário”. Desconhece-se quando foi construída, havendo alguns historiadores que presumem ser esta igreja a mesma capela que alguns registos históricos indicam ter sido fundada em Marim por D. João I (séc. XIV).<sup>9</sup>



Figura 12\_Igreja da Nossa Senhora do Rosário

De Olhão saíram navegadores, marinheiros, mestres de pesca e pescadores, para terras longínquas, com todo o seu saber e engenho nas artes de marear e pescar. Toda a história da cidade está espelhada na sua arquitetura “cubista”, que teve origem nas casas dos pescadores junto ao mar na forma da Ria Formosa, onde se pode observar que em cada casa existe a açoteia visitável com seu mirante e em alguns casos o contra mirante, afim dos seus utilizadores poderem observar o estado do mar, para saberem se este permitia a sua utilização na faina da pesca.

<sup>9</sup> Romba, Sandra, 2015, *Evolução Urbana de Olhão*, Editora Sul, Sol e sal, Lda., p. 23-30

O mar que confronta com a cidade a sul é rico em diversas espécies de peixes que passam pela ria Formosa para se alimentarem e desovarem. Na costa desde sempre aparecem grandes quantidades de peixes, em cardumes de sardinha, carapaus, cavalas, atuns e outros.

Os baixios da Ria formosa e fundo são muito ricos em bivalves de várias espécies: ameijoas, ostras, lingueirão e berbigão; que são explorados em viveiros, que atraem espécies como a corvina, robalos, douradas e enguias como alimento.



*Figura 13\_Reparação das redes de pesca*

### 3. Olhão hoje



*Figura 14\_Vista aérea de Olhão hoje*

A Vila do Olhão nasceu no dia 15 de Novembro de 1808, quando o Príncipe Regente D. João assinou, no seu palácio do Rio de Janeiro, um Alvará pelo qual disse conceder ao Logar<sup>10</sup> do Olhão, no Reino do Algarve, não só o título de Vila do Olhão da Restauração, mas ainda todos os Privilégios, Liberdades, Franquezas, Honras e Izensões<sup>11</sup> de que já gozavam as vilas mais notáveis do Reino de Portugal e permitir que os habitantes da nova vila usem de uma Medalha, na qual esteja gravada a letra “O” com a legenda Viva a Restauração e o Príncipe Regente Nosso Senhor.



*Figura 15\_Medalha que o Rei D. João VI concedeu aos olhanenses*



*Figura 16\_ D. João VI*

Esta cedência do futuro Rei D. João VI pretendia laurear o povo de Olhão, pela sua heroica e determinante revolta contra os franceses de Junot, usurpadores de Portugal, e também agradecer-lhe a boa nova da expulsão daqueles do território Algarvio, que os audaciosos tripulantes do caíque Bom Sucesso lhe haviam levado ao Brasil.

---

<sup>10</sup> Nobre, Antero, 2008, *Opúsculos Históricos sobre Olhão*, Rainha & Neves, p. 39

<sup>11</sup> Ibidem.

Ao chegar a Olhão cerca de dois meses depois da concessão, a notícia da elevação à categoria de vila de tal mercê régia, trazida pelos tripulantes do Bom Sucesso, no seu regresso do Brasil, causou ali grande satisfação e que deu origem a grandes manifestações de contentamento: saudação solene das Autoridades da Freguesia com a Mesa do Compromisso Marítimo, grandiosos cultos religiosos na Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Rosário, barulhentos e continuados festejos populares nas ruas enfeitadas da povoação, embandeiramento de todos os barcos chegados na praia.



*Figura 17\_ Interior da Igreja da N.ª. Senhora do Rosário*



*Figura 18\_ Armas de Portugal-Interior da Igreja da N.ª. Senhora do Rosário*

#### 4. A criação do Município Olhanense

D. Pedro IV aclamado Rei, embora continuando ausente no Brasil, a Infanta D. Isabel Maria assina, no Palácio da Ajuda, em Lisboa, e em nome do novo Monarca, um Alvará demarcando o Termo da Vila do Olhão da Restauração, criando a Câmara Municipal, gerando nela o lugar de Juiz de Fora.



Figura 19\_D. Pedro IV

Por este documento deliberativo ordena-se que façam parte do Termo do Olhão as freguesias de Quelfes e Pechão, ambas pertenciam ao Termo de Faro e a freguesia de Moncarapacho, até aí pertencente ao Termo de Faro e Termo de Tavira e também a parte da costa marítima compreendida entre a embocadura da nova barra, intitulada de Junot e o porto denominado Ramalheiro.

Regulamenta-se que a Câmara Municipal de Olhão, através de um Alvará régio de 20 de Abril de 1826, demarcando o Termo da Vila do Olhão da Restauração, fundando a Câmara Municipal e criando nela o lugar de Juiz de Fora.

Nos vinte e três anos que imediatamente se seguiram à elevação do Lugar do Olhão à categoria de Vila, a **prosperidade económica do povo** olhanense continuou a crescer, a um ritmo mais acelerado do que anteriormente, em resultado de um cada vez maior desenvolvimento e progresso das atividades dos seus pescadores, mareantes e comerciantes, atraindo para a jovem vila muito mais gente de outros pontos do País.

Em 1824 a importância atingida pela atividade dos pescadores em Olhão era tal, que nesse ano um Alvará Régio datado de 4 de Fevereiro, não só confirmava explicitamente as regalias, isenções e privilégios de que já gozava o Compromisso Marítimo local, mas atribuía-lhe ainda alguns outros, que o colocavam em manifesta exceção entre os iguais de todo o Algarve ou mesmo de todo o País.<sup>12</sup>

Em 1826, quando a vila é feita cabeça de Concelho pela ereção do seu Município e demarcação do seu Termo, a sua população é já de 5.900 habitantes em 1.300 fogos, continuando sempre a aumentar.

Os grandes desenvolvimentos urbanos e mesmo sociais, que acabamos de sumariamente assinalar nos quarenta anos que imediatamente se seguiram ao fim das Lutas Liberais, foram, em última análise, resultante de um também inusitado desenvolvimento económico, no mesmo período verificado.

Antes de mais, a pesca costeira e longínqua ganha agora um ainda mais rápido e muito maior desenvolvimento, ocupando cada vez maior número de homens e uma frota constantemente a aumentar, passando em breve o abastecimento de pescado fresco ao interior do Algarve e ao Baixo Alentejo a ser quase exclusivamente olhanense.

Por outro lado, a preparação de peixe em sal e seco ao sol, que ali se fazia praticamente desde tempos imemoriais, atinge agora igualmente um grande desenvolvimento, ocupando numerosíssimos trabalhadores; e a respetiva exportação para Lisboa e outros portos da costa ocidental portuguesa, para os portos do Norte de África, para os do Sul de Espanha e outros do Mediterrâneo, simultaneamente com a dos primores das hortas e pomares algarvios e dos frutos secos (amêndoa, alfarroba, nozes e sobretudo figos) para os mesmos portos, atinge dentro em pouco grandes proporções, não só atraindo ao porto de Olhão numerosos navios de outros portos, nacionais e estrangeiros, mas sobretudo aumentando consideravelmente a frota comercial olhanense.

---

<sup>12</sup> Nobre, Antero, 2008, *Opúsculos Históricos sobre Olhão*, Rainha & Neves, p. 115-153



*Figura 20\_Peixe de Seca (Litão)*

A exportação dos produtos algarvios através do porto olhanense para os portos espanhóis do Sul e outros portos mediterrânicos é tal, já nesse tempo, a Espanha estabelece em Olhão, em 1834, um Vice-Consulado.

O desenvolvimento industrial e comercial de Olhão é, tão rápido e grande que em 1842 já havia na vila um serviço de Correios e Encomendas Postais de grande movimento. Em 1861 é criada uma Estação Telégrafo-Postal e Inaugurado um serviço telegráfico com todo o País.



*Figura 21\_Serviços de Correios e Encomendas Postais*



*Figura 22\_Estação Telégrafo-Postal*



Rua Doutor Carlos Fuzeta.  
*Figura 23\_ Estação dos Correios – Século XX*



*Figura 24\_ Correios no Edifício Térreo na lateral Direita da Igreja*



*Figura 25\_ Correios, Telégrafos e Telefones - 1961*

## 5. Primórdios da industrialização

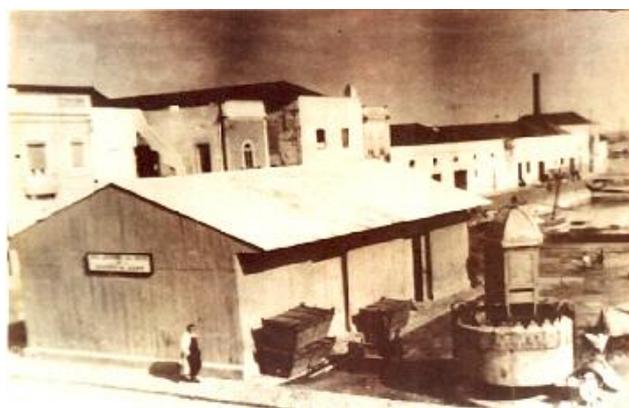
Em 1880 a 1882, vários industriais conserveiros franceses, fugindo à carência de sardinha que então se verificava nas costas da Bretanha e aliciados pela abundância com que ela aparecia nos nossos mares, vêm instalar as suas unidades fabris em terras algarvias. Em 1882 já se encontram pelo menos dois industriais instalados em Olhão.

Mas, na esteira dos franceses, não tardaram a aparecer igualmente alguns industriais espanhóis e italianos, que também se instalaram em Olhão, dando todo grande incremento à nova indústria e aliciando para ela não só o povo trabalhador da vila e dos arredores imediatos, mas alguns capitalistas olhanenses, estes rapidamente se transformaram em industriais conserveiros de sucesso.

O desenvolvimento alcançado pela indústria de conservas de peixe em Olhão, é tal que, vinte anos depois de instalada a primeira fábrica, isto é, em 1901, já ali funcionavam 8 exemplares, passados mais quatro anos volvidos, em 1905, o número subia para 12, sendo 7 de conservas em azeite e 5 de conservas em salmoura, nas quais trabalhavam 316 homens e 306 mulheres e nas quais se produziram, durante aquele mesmo ano, 1.425 toneladas de conservas.



*Figura 26\_Mulheres na Industria Conserveira*



*Figura 27\_Fabrica Delory - 1881*

O primeiro grande efeito da instalação dos industriais conserveiros franceses, espanhóis e italianos em Olhão foi a industrialização da pesca local, que passaria a processar-se, em ritmo ainda mais acelerado do que o das conservas, sobretudo depois da criação das primeiras sociedades e companhias de pescarias e parcerias de armadores.

Em 1889, isto é, apenas oito ou nove anos depois de instalada a primeira fábrica de conservas na vila, a Capitania do Porto registava 1.761 pescadores profissionais, quer dizer, que não tinham qualquer outra ocupação além da pesca por conta própria ou alheia, e 265 embarcações dos mais variados tipos, desde os caíques (só estes eram 52) e lanchas do alto (em número de 130), até às simples bateiras e maceiras, todas ocupadas também exclusivamente na pesca.

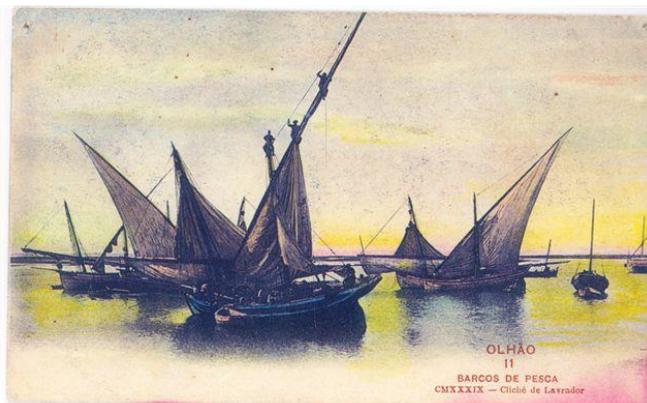


Figura 28\_Barcos de pesca antigos

Mas, passados outros nove anos, em 1898, o número de barcos de pesca registados na Capitania do Porto subia para 409 e o número de pescadores para 1.956; e passados ainda mais 6 a 10 anos, ou seja, de 1904 a 1908, a média anual de barcos de pesca em serviço no porto de Olhão era de 1.288 e de 5.267 a dos pescadores. Aí por 1884 ou 1885, anos estes em que encontrámos os seus mais antigos rastros, tinham aparecido na área da Capitania do Porto de Olhão as primeiras armações da pesca da sardinha com copo à valenciana, revolucionando localmente os sistemas de pesca; e em 1896, ano de que possuímos a primeira notícia certa, já ali existiam 6, com as seguintes designações, que indicam também as respetivas localizações: Cabeça dos Mortos, S. Lourenço, Vergões, Armona, Barra da Fuzeta e Livramento.



*Figura 29\_Barcos de pesca antigos*

Fora ainda em 1896 que aparecera a funcionar uma armação de atum na costa olhanense, em frente de Bias, com a preocupação de fornecer esse apreciadíssimo pescado às fábricas locais de conservas; dois anos depois, em 1898 americano matriculado na Capitania do Porto de Olhão, que se chamava exatamente “O Americano”. E em 1901, ano do qual temos os primeiros dados certos a tal respeito, havia em plena exploração na Ria Formosa, em frente de Olhão, 17 viveiros de amêijoas e 1 viveiro de ostras.



*Figura 30\_Pesca do atum copejada*



*Figura 31\_Mariscador em frente ao Marina Hotel*

O começo da industrialização das conservas de peixe em Olhão teve, porém, ainda outras consequências importantíssimas, de ordem económica, além da industrialização da própria pesca. Entre essas há que mencionar, pelo menos, a incrementação da construção naval, o aumento do tráfego portuário e o crescimento do comércio geral.

O tráfego do porto cresceu tão rapidamente, que em 1882, tornou-se imprescindível a montagem de luzes de balizagem; uma, ainda operacional, na torre sineira da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário (avistando-se em toda a Ria Formosa). Em 1894, consideradas já insuficientes, essas luzes tiveram de ser ampliadas e renovadas, dando-se-lhe a forma e a amplitude com que chegaram aos nossos dias.



*Figura 32\_Estaleiro de construção naval antigo na Barreta*

## 6. Alargamento do centro Urbano

Outra consequência da instalação da indústria de conservas de peixe em Olhão foi o aumento da população olhanense, que por sua vez conduziria a várias reflexões, designadamente o aumento da área urbana da vila.

A industrialização das conserveiras, além dos empresários estrangeiros que lhe deram início e depois a incrementaram, os técnicos e alguns operários especializados que os acompanharam, atraiu para a vila muitos trabalhadores dos campos vizinhos, que se dedicavam à agricultura, seduzidos por salários que as fábricas pagavam, bastante superiores aos trabalhos agrícolas. A industrialização da pesca, que teve origem na das conservas, aliciou também numerosos pescadores de outros pontos da costa algarvia e mesmo da costa do Norte do País. O desenvolvimento do comércio geral, que foi consequência da industrialização das pescas e das conservas, e ainda das indústrias subsidiárias ou afins destas, atraíram igualmente muita gente de vários pontos de Portugal, e não só pequenos comerciantes e pequenos industriais, mas caixeiros, guarda-livros e operários especializados, e todos ali se fixaram com suas famílias ou ali vieram a constituí-las.

De tal forma que, em 1900, cerca de vinte anos depois de instalada a primeira fábrica de conservas de peixe em Olhão, a população olhanense subira já para 10.009 habitantes permanentes; e mais uma década passada, em 1911, três anos apenas depois de se completarem cem anos sobre a elevação do Lugar do Olhão à categoria de Vila e oitenta e cinco após a criação do seu Município, já ali havia 10.890 moradores permanentes, ou seja, mais 6.109 do que na altura daquele primeiro acontecimento e mais 4.990 do que por ocasião do segundo.

Este aumento da população dá origem a um aumento apreciável de construções habitacionais e industriais, estabelece um considerável alargamento da área urbana da vila.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Nobre, Antero, 2008, *Opúsculos Históricas sobre Olhão*, Rainha & Neves, p. 171-174

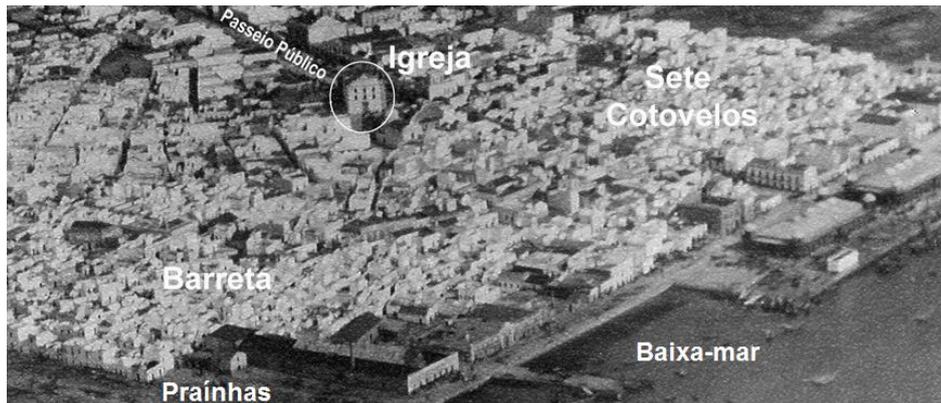


Figura 33\_Evolução Urbana da Cidade

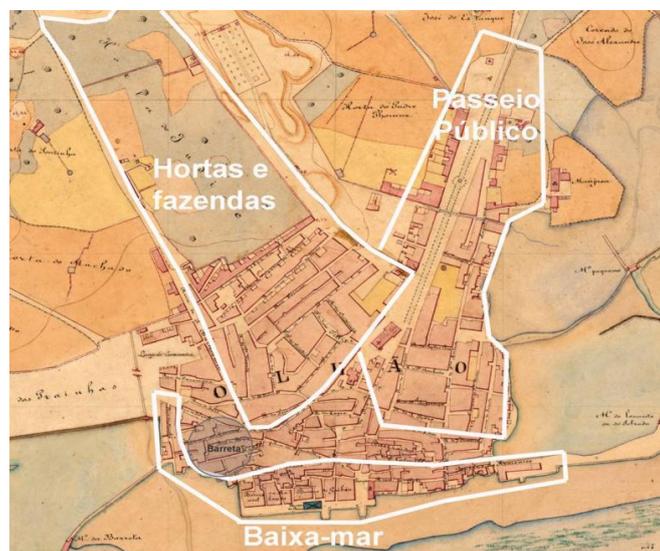


Figura 34\_Areas de Expansão Urbana da Cidade

Em 1893, a Câmara Municipal vê-se obrigada a intensificar e completar o aterro da zona de Os Charcos e mesmo a expropriar alguns terrenos, seus, limítrofes, na maioria alagadiços.

O aterro dos alagadiços das Prainhas, "zona da minha intervenção" permitindo assim que, também aí, se construam algumas instalações fabris e habitações para os respetivos operários.



Figura 35\_Local da Intervenção

Depois, em 1903, a construção da linha dos caminhos-de-ferro em desaterro desde as Prainhas até próximo do Poço Velho.

A construção, naquele mesmo ano de 1903, da estação dos caminhos-de-ferro junto do Poço Velho, faz com que as construções aumentem ainda mais nessa área e com que, junto daquela, se conclua finalmente o Jardim Público, mais tarde chamado de João Serra (primeiro soldado olhanense morto na I Grande Guerra) e que foi destruído já em nossos dias, para construção do Palácio da Justiça.<sup>14</sup>

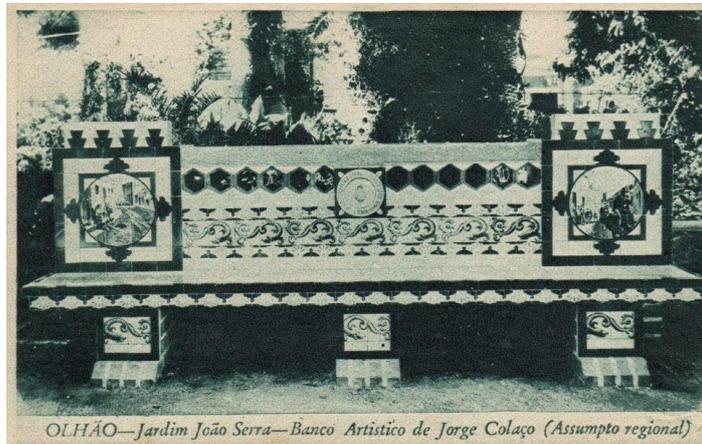


Figura 36\_ Estação dos Comboios (construída de 1903 a 1904).

<sup>14</sup> Ibid, p. 175-178

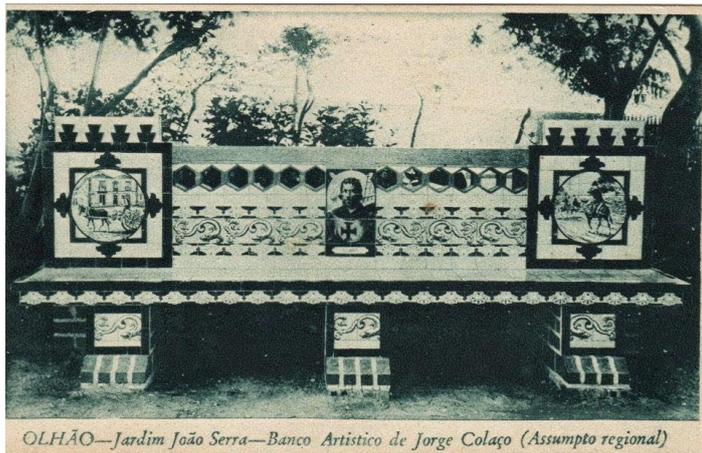


Figura 37\_Jardim João Serra – 1903



OLHÃO—Jardim João Serra—Banco Artístico de Jorge Colaço (Assumpto regional)

Figura 38\_Banco do Jardim João Serra - 1903



OLHÃO—Jardim João Serra—Banco Artístico de Jorge Colaço (Assumpto regional)

Figura 39\_Banco do Jardim João Serra - 1903



*Figura 40\_Jardim João Serra - 2016*

## **7. Novo surto de progresso económico e cultural**

Entre os anos 1916 a 1918, Portugal fez parte dos países que estiveram na I Grande Guerra. Olhão neste período o seu desenvolvimento industrial cresceu de tal maneira distando pouco do ponto máximo, só atingido dez anos depois, apesar de neste período a população ter vivido em autêntico clima de terror devido à epidemia da gripe pneumónica, dizimando mais de 100 000 pessoas em Portugal.

A cultura tem sido um importante polo de desenvolvimento em Olhão, foi inaugurada a primeira Biblioteca Pública olhanense em 1945. Em 1948, foram inaugurados os primeiros edifícios, destinados a Escolas Primárias, também construído um coreto da música, no Jardim João Serra, rodeado por um espelho de água, onde a Sociedade Filarmónica União Olhanense, dava concertos semanais.

As indispensáveis obras de saneamento, urbanização, cultura e desporto levada a cabo de 1925 a 1950, só foi possível a sua realização, devido ao desenvolvimento da economia Olhanense.

A indústria das conservas de peixe, que cresceu, sobre bases frágeis durante a I Grande Guerra, finda aquela foi-se consolidando e estabilizando, e em 1930-1950 atingia o seu máximo de rentabilidade. A II Grande Guerra, com todas as suas consequências mundiais e nacionais, não teve consequências em qualquer sector da vida olhanense.

A indústria da pesca, que entretanto continuava a crescer, devido à modernização dos sistemas de pesca, atingindo índices de capturas, muito mais elevados e com menor número de embarcações e conseqüentemente menor número de pessoal trabalhador.

Toda esta evolução industrial, comercial, o desenvolvimento cultural e desportivo, trouxeram a Olhão, muita gente dos arredores da vila, e de outros lugares, que por ali ficaram para sempre, contribuindo para o aumento da população.

O número de habitantes em Olhão, era de 13.934 no ano de 1930 e em 1950 chegaram aos 16.592. Este tão grande aumento demográfico tornou necessário o aumento do número de edifícios, transformando o problema habitacional numa das maiores necessidades públicas entre muitas.

A construção de um bairro de casas económicas, conhecido por Bairro Operário, subsidiado pelo Estado.



*Figura 41\_ Bairro Operário*

À volta do novo bairro, logo começaram a surgir outras construções, para habitação, indústria e comércio. Com a experiência adquirida na construção do Bairro Operário, em 1948 iniciou-se a construção de três grandes bairros, concluídos em 1951. O Bairro dos Pobres construído entre 1952 e 1955, pela Câmara Municipal, (300 habitações) e pelo Estado (100 habitações), de rendas a custo controlado, hoje denominado por Bairro 28 de Setembro, o Bairro da Horta da Cavalinha, e o Bairro dos Pescadores da autoria do arquiteto Inácio Pires Fernandes, mandado construir pela Junta Central das Casas dos Pescadores a Nordeste da Doca de Pesca e dispendo de 120 casas.



Figura 42\_Bairro 28 de Setembro - 2016



Figura 43\_Bairro da Cavalinha-2016



Figura 44\_Bairro dos Pescadores-2016

É com estes bairros que Olhão começa, de facto, a sua grande expansão urbana, nos vinte anos que se seguem, a área de construção duplicou em relação a que ocupava em 1950. À volta dos bairros e para além deles, outras construções foram erguidas e bairros novos, foram construídos.

A população permanente elevou-se para 19.770 habitantes em 1981. O que acontece depois de 1981, na vida olhanense, já faz parte, dos dias de hoje, usando uma expressão popular, “ainda não passou à História”.

Atualmente a cidade de Olhão e arredores oferecem muitas belezas da natureza, devido à sua relação direta com o Parque Natural da Ria Formosa, e as mais singulares ilhas e reservas naturais.



Figura 45\_Vista Panorâmica de Olhão

Olhão atualmente é um polo turístico muito importante, oferecendo as belezas naturais, das suas ilhas barreiras e as diversidades de atrações, na zona ribeirinha. O centro antigo de Olhão, com a sua arquitetura histórica cubista e a sua gastronomia baseada em pratos de peixe e marisco em restaurantes espalhados pela cidade.

A pesca moderna hoje praticada em Olhão, proporciona a esta cidade um comércio e ainda indústria conserveira, centralizada numa zona industrial moderna.

Olhão é mundialmente conhecido pela beleza arquitetónica dos seus mercados de peixe e da verdura, que fazem lembrar a “arquitetura do ferro”, são edifícios únicos.

Olhão hoje está preparado para receber embarcações turísticas de pequeno e médio porte, possui as infraestruturas necessárias materializadas num porto de recreio moderno, junto à zona ribeirinha.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Nobre, Antero, 2008, *História Breve da Vila de Olhão da Restauração*, APOS, p. 73-134



Figura 46\_Vista das Açoteias e Mirantes



Figura 47\_Cataplana de Marisco



Figura 48\_Sardinha Assada



Figura 49\_Vista das Praças

## 8. Justificação do projeto em Olhão

A ideia de projeto para o Museu Cubista do Mar em Olhão, nasce na sequência do que tem sido o desenvolvimento de esta cidade algarvia ao longo das últimas décadas, pós 25 de Abril de 1974 e mesmo antes. Com efeito, a cidade cresceu direcionada para as classes que vivem do trabalho rude “operários e Pescadores”, levando a Câmara Municipal de Olhão a investir de alguma forma em habitações sociais, recorrendo a financiamentos específicos para este efeito.

O projeto SAAL, e Fundo de Fomento de Habitação, foram algumas das formas de produzir habitações entre outros. Antes de 1974 já tinha havido também a preocupação da habitação social, podemos observar o Bairro da Cavalinha, o Bairro 28 de Setembro e o Bairro dos Pescadores, este último da autoria do arquiteto Inácio Pires Fernandes. Existem elementos urbanos de pormenor que são comuns nestas construções, no que diz respeito ao conceito de ideias, e “geometricidade” Termo utilizado pelo Professor Doutor Arquiteto Luís Conceição”, com o traçado geométrico à moda Beaux Arts.

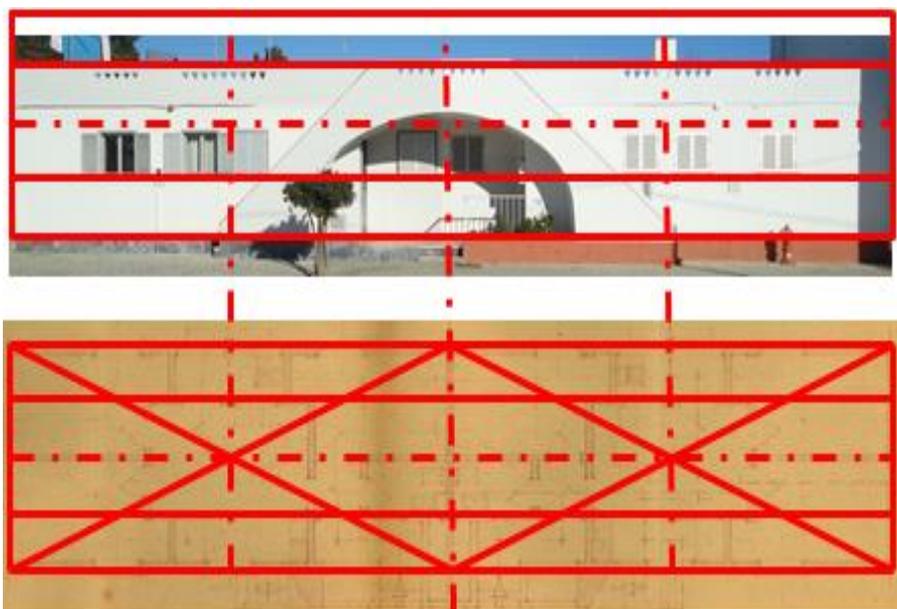


Figura 50\_Casa de um piso e projeto tipo-Bairro dos Pescadores

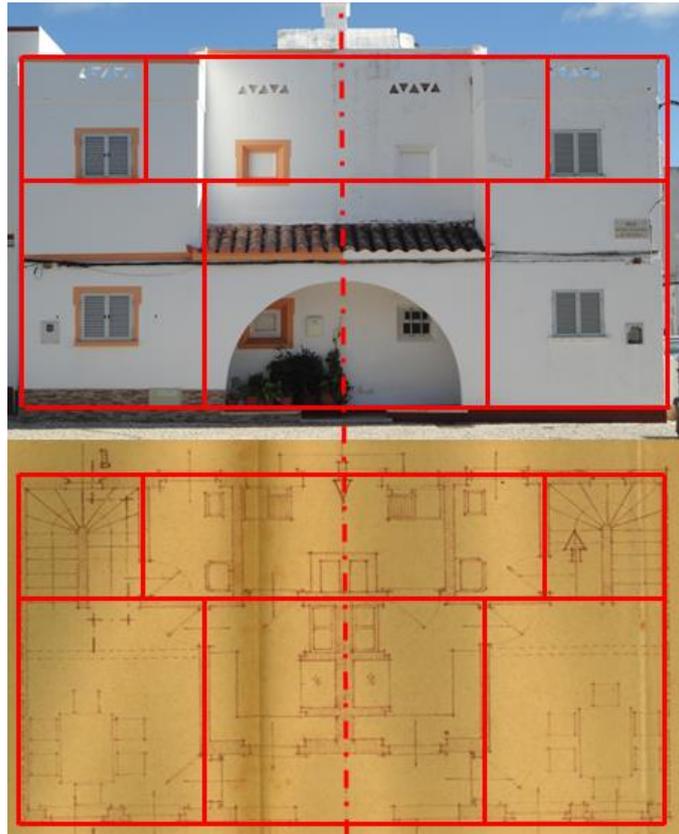


Figura 51\_Casa de dois pisos e projeto tipo-Bairro dos Pescadores

As linhas arquitetónicas, podem ser observadas na geometria cubista do seu traçado, e nos terraços de cobertura horizontais, como que a perpetuar as açoteias com seus mirantes, expostos em toda a cidade e muito especialmente na zona histórica de Olhão, onde iniciou todo este conceito cubista.



Figura 52\_Açoteias e Mirantes

A reabilitação do antigo matadouro de Olhão e a evolvente em Museu Cubista do Mar, vai contribuir como polo cultural relacionado com o mar, as gentes que dele vivem, a união existente entre este e a cidade com uma arquitetura única defendida e reclamada no concelho de Olhão, pelos seus habitantes e Puder local, como Cubista, onde existem muitos exemplares expostos, recuperados, onde a cor branca predomina, com alguns salpicos de colorido, como contraste, nas ruas pavimentadas com calçada à portuguesa, bem cuidadas da zona histórica, onde os percursos pedonais se impõem.

Reconhecendo Olhão como um dos centros históricos de influência marítima, expressa na própria história da cidade localizado a Sul da Península Ibérica e Norte de Marrocos, através do Museu que se localiza no edifício do Compromisso Marítimo de Olhão, edifício icónico que foi testemunho presencial da história da cidade, da qual faz parte, onde são levados a efeito eventos de exposições temporárias, não possuindo espaços devido à sua reduzida área, para exposições permanentes.

Onde poderiam ser exibidas embarcações antigas e modernas em maquetes com algum volume ou mesmo em tamanho natural, apetrechos de pesca tradicionais, artes fixas antigas em maquetas, indispensáveis para que o público seja sensibilizado, e de certa forma vivenciem através da imaginação os percursos percorridos por pescadores, e mareantes através de tempos remotos.



*Figura 53\_Museu (Compromisso Marítimo)*

Segundo Antero Nobre, os gregos estiveram estacionados nesta terra, foram encontrados vestígios arqueológicos da presença de vivência dos fenícios, cartagineses, e romanos, possivelmente já existiria durante o domínio islâmico.

A cultura islâmica está presente no cubismo da arquitetura olhanense, á semelhança de povoados Marroquinos, no entanto não foi encontrado qualquer vestígio arqueológico que demonstre a presença deste povo cuja cultura está presente em toda a Península Ibérica, através da agricultura, da escrita, matemática, arquitetura religiosa e civil, etc.



*Figura 54\_ Vista aérea da zona histórica Casablanca*

O Museu Cubista do Mar, será uma mais – valia para o desenvolvimento da cidade, contribuindo para o desenvolvimento cultural através dos eventos que poderão ser promovidos nesta nova Infraestrutura urbana.

O desenvolvimento turístico atraindo visitantes, por se encontrar na rota turística da cidade, junto da zona ribeirinha e junto da infraestrutura hoteleira mais importante de Olhão.

Com este projeto, também fica resolvido, grave problema urbanístico atual no local onde este projeto está sendo implementado.





*Figura 56\_Vista aérea do local de intervenção*



*Figura 57\_Local de intervenção*

## **10. O Tema**

Esta dissertação de mestrado tem por tema uma intervenção arquitetónica, num espaço que se encontra degradado, procurando-se a sua reabilitação, através dum estudo urbanístico que envolve a reabilitação do velho matadouro de Olhão, a construção de um edifício novo e arranjos exteriores que envolvem zonas arborizadas, percursos pedonais, um espelho de água e um parque de estacionamento. Localiza-se entre o núcleo histórico da cidade de Olhão, a Este e a Zona mais moderna, construída pelo Marina Hotel (hotel de cinco estrelas).

Loteamento envolvendo vários quarteirões com edifícios de apartamentos de luxo a Oeste e a Avenida 5 de Outubro a Sul, com acesso direto à zona ribeirinha, onde se situa o porto de recreio e um cais moderno “vocacionado para o turismo”, para atracação de embarcações de pequeno e médio porte.



Figura 58\_Vista panorâmica do Marina Hotel



Figura 59\_Vista panorâmica do local de intervenção



Figura 60\_Vista aérea do local de intervenção

A intervenção que se propõe, este lugar é a melhor escolha, na sua leitura poderemos observar a transição de duas zonas distintas: o antigo e o contemporâneo de Olhão, na sua arquitetura, ligada ao mar.

A forma de um projeto de arquitetura cubista, onde, estão representados os ícones da cidade “o cubismo, as açoteias, os mirantes, contra mirantes, e o mar” com o objetivo de servir a cidade como um Museu do Mar, onde se possa olhar a História da cidade e a sua Contemporaneidade, com a presença de artefactos e eventos culturais.

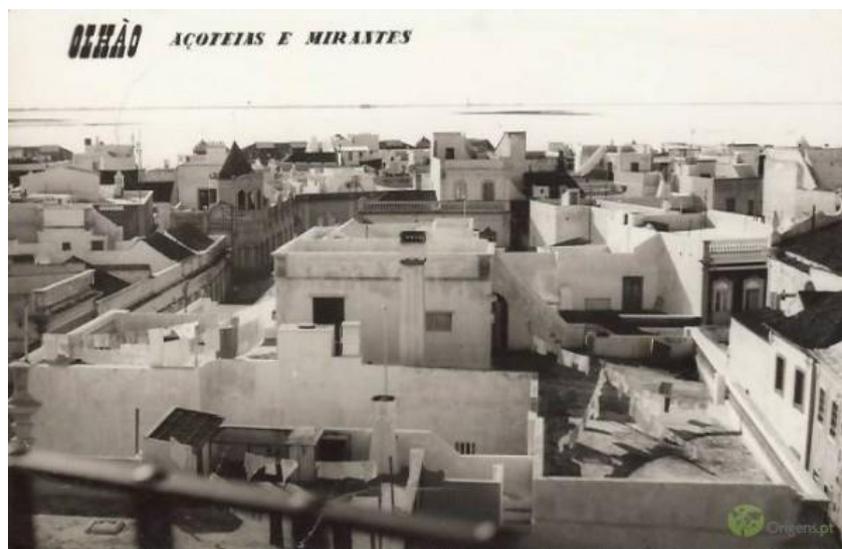


Figura 61\_ Fotografia antiga das açoteias e mirantes

O Museu do Mar no seu conjunto, é uma representação cujo tema é o Mar, as gentes que nele trabalharam, o objetivo porque trabalharam, as espécies de peixes que capturaram proporcionando-lhes a sua sobrevivência e de suas famílias, as embarcações que utilizaram, artes de pesca, apetrechos, a evolução da cidade na sua arquitetura habitacional, e o crescimento económico ligado ao mar.

## 11. Objetivos da Dissertação

Criação de um Museu do Mar em Olhão, destinado a estudar, a promover e difundir o legado cultural da cidade de Olhão, no que se refere à sua história, à sua arquitetura tão característica, à observação e estudo das espécies piscatórias que abundam no Mar, encaixando-se na cidade como um novo polo cultural, dinamizador do espaço público próprio e da envolvente. Pretende-se também integrar no seu espaço, equipamentos que se encontram dispersos pela cidade, aguardando um melhor destino, num lugar condigno, de modo a oferecer uma nova visibilidade aos milhares de pessoas que visitam Olhão, ao longo de cada ano, vindos à procura das praias, localizadas em frente à cidade nas ilhas barreiras, Armona, Culatra e Ilha do Farol. Também vêm muitos visitantes observadores da natureza, à procura das diversas espécies de aves migratórias, “flamingos, patos e maçaricos de diversas espécies, galeirões, galinholas, corvos marinhos, cegonha branca, também já se observaram em certas alturas do ano falcões peregrinos e abutres do Egito”, que utilizam os sapais e as águas protegidas dos ventos e intempéries na Reserva da Ria Formosa, para se alimentarem e repousarem para poderem prosseguir o ciclo migratório. Têm sido socorridos muitos animais cansados, entre eles águias, abutres e até mesmo gaivotas, no Parque Natural. Procedem-se a anilhamentos de aves das diversas espécies, para estudo das suas rotas migratórias.

A gastronomia típica é muito procurada, os pratos que são mais pedidos pelos visitantes, são os que são confeccionados à base de peixe e marisco. A Câmara Municipal de Olhão promove anualmente vários eventos gastronómicos, mas o mais importante é o Festival do Marisco em Agosto, que faz ferver de gente toda a baixa ribeirinha e zona histórica. Diariamente na Avenida 5 de Outubro, artéria urbana mais a Sul da cidade, que confina com a zona ribeirinha e os mercados do lado Sul, confinando do lado Norte com os mais importantes estabelecimentos comerciais que se dedicam à gastronomia e comércio de Marisco.

O Marina Hotel está no alinhamento norte da Avenida, ficando também a entrada de acesso ao Museu do mar neste alinhamento.



## Parte II: A memória marítima e a pesca



## **A memória marítima e a pesca**

*“Só a memória enriquece e alimenta. Não há pedra que mais sangue nem asa que mais nos liberte. Talvez por isso os Saberes da memória respirem um tempo e um espaço muito próprios.*

*A morte, que tudo transfigura, pratica as artes supremas da imprevisibilidade.*

*E, nesta imprevidência se compraz, irremediavelmente, a nossa humana condição.”* (Lopes M. F., 1995)

### **1. A memória marítima**

A relação das comunidades marítimas com o mar produziu ao longo de décadas memórias e patrimónios que perduram nos nossos dias. Assim com o intuito de retratar a identidade marítima, falaremos de património e das duas variantes que o património cultural tem: a variante material (tangível) e imaterial (intangível). A primeira remete-nos para as memórias e património ‘físicos’, já a segunda variante prende-se com as tradições, as expressões, as representações, e o simbolismo que o património poderá ter, entre outras coisas.

É deste modo importante definir estas duas variantes de modo a compreender a identidade e memória marítima contida no património marítimo.

*“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”.* (Le Goff, 2000, p. 46)

A memória permite-nos assim fincar e conservar os conteúdos de vivências para além do ‘aqui e do agora’, momento esse em que foram vividas, e manipulá-las em circunstâncias posteriores, reproduzindo-as mais tarde para posteriormente identificar e localizar no passado a sensação presente.

Deste modo, as memórias são fundamentalmente narrações escritas de acontecimentos em que o autor participou, testemunhou ou teve conhecimento por ser dele contemporâneo, constituem-se assim valiosas fontes históricas, tornando-se em associação com alguns objetos, ótimas para a reconstituição dos usos e costumes de uma determinada época, bem como da noção da cultura ou identidade de um determinado povo onde o indivíduo se insere.

Assim sendo, denota-se que a “função primordial da memória, enquanto imagem partilhada do passado, é a de promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado coletivo, conferindo-lhe uma ilusão de imutabilidade, ao mesmo tempo que cristaliza os valores e as aceções predominantes do grupo ao qual as memórias se referem. Considera-se, então, que a memória coletiva é o ponto de ancoragem da identidade do grupo, assegurando a sua continuidade no tempo e no espaço. Isto é, a memória individual está interligada com a memória coletiva, pois é na sociedade que as pessoas adquirem normalmente as suas memórias, que recordam, reconhecem e localizam as suas memórias”, sendo que esta “conceptualização pressupõe uma sujeição das memórias individuais aos padrões coletivos, visto que, em última análise, o que recordamos, enquanto indivíduos, é sempre condicionado pelo facto de pertencermos a um grupo.

Existem no entanto espaços destinados à salvaguarda da memória, lugares onde se navega na história, remonta-se e resgata-se o passado, revive-se e traduz-se as origens através de testemunhos de histórias como de objetos, documentos, saberes e fazeres apresentados didática ou tradicionalmente, cuja atividade é de extrema importância para a construção da identidade da população.

Entre esses espaços estão diversas instituições que preservam e divulgam o património memorial, sejam elas arquivos, bibliotecas, museus, galerias de arte ou centros culturais. Nestas a preservação das memórias são institucionalizadas para que se ressalve o seu conhecimento e valor.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Chagas, Mário (2009) “Memória e Poder: dois movimentos”, *Cadernos de Socio museologia*, Centro de Estudos de Socio museologia, nº 19, p. 43-81.

Nesta dissertação dar-se-á maior relevância aos museus, espaços memoriais onde normalmente se encontram testemunhos materiais de determinados períodos históricos ao qual se associam valores simbólicos, na tentativa de manter uma tradição que alie o passado ao presente. Estes espaços interessam-se pela celebração do passado e o culto da saudade, muito presente na sociedade portuguesa.

Os museus são assim lugares onde se guardam e preservam memórias.

## 2. A pesca da sardinha

É na altura que do S. João que a sardinha é mais gorda, tal facto deve-se a circunstâncias de ordem geofísica e climáticas existentes na costa portuguesa. Na Península Ibérica esta espécie é um exemplar único devido às condições criadas pelo clima.

A sardinha é de origem remota, era pescada tradicionalmente por meio da arte xávega, é uma arte de arrasto artesanal que consta de uma forma de pesca por cerco, que opera deixando uma das extremidades da rede em terra, a outra extremidade é levada a bordo de um bote a remos, que a vai largando, quando finda esta tarefa, a outra extremidade é levada para terra.

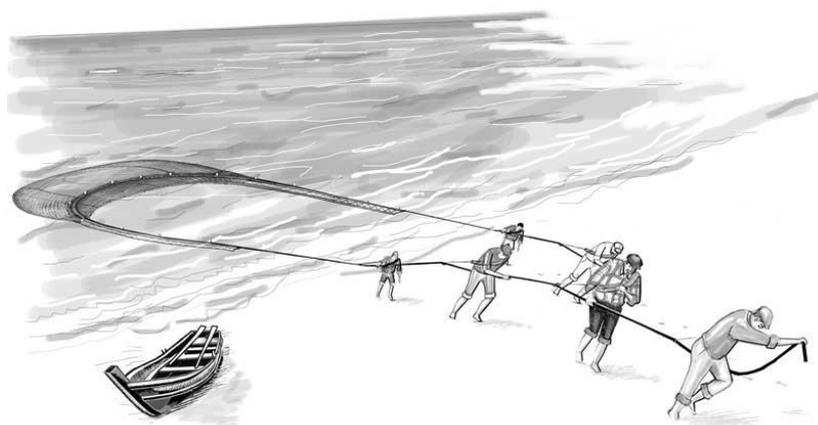


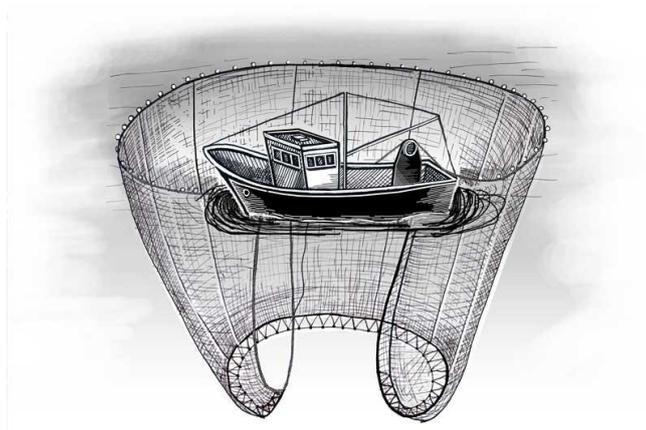
Figura 62\_Arte Xávega

O saco, que se localiza ao fundo das duas extremidades, é puxado na praia, por familiares dos pescadores ou por populares, em troca de uma parte em peixe pescado.

Também recorriam ao auxílio de juntas de bois, quando estes estavam disponíveis, na atualidade em lugares onde se pratica este tipo de pesca ainda, são utilizados tratores com guinchos acoplados.

As embarcações modernas de arrasto, colocaram em desuso este tipo de arte xávega, ameaçando a continuidade das próprias espécies piscícolas, destruindo os recursos que através dos séculos sustentaram os pescadores e suas famílias.

A sardinha atualmente é capturada com redes de cerco, cujo funcionamento, tem muito de idêntico à arte de xávega, só que as redes são largadas em alto mar através de embarcações “traineiras em especial”, equipadas com sondas sofisticadas, para deteção dos cardumes.



*Figura 63\_Redes de Cerco*



*Figura 64\_Traineira na faina da pesca da sardinha*

Como pescado a sardinha constitui uma das principais fontes de rendimento, as quantidades deste peixe capturado representa quase metade do peixe, que é vendido nas lotas portuguesas. Olhão, Peniche, Matosinhos, e Sesimbra, são os mais importantes portos de pesca da sardinha no país.

Dizem os pescadores que, no início da Primavera, quando o vento sopra de forma constante de norte, durante vários dias, adivinham um verão com muita sardinha, carapau, cavala e outras espécies que são pescadas na costa portuguesa.

No mês de Junho, pelas celebrações festivas dos "Santos Populares", são consumidas grandes quantidades de sardinhas, nas animações populares de rua, onde o povo come a sardinha assada sem preconceitos, a sardinha é colocada sobre o pão diretamente das brasas, e daí vão comendo retirando as polpas com os dedos e acompanhando com vinho tinto, esta é a maneira típica de comer sardinhas, muito especialmente nas regiões ribeirinhas.



*Figura 65\_ Jardim dos Pescadores*



*Figura 66\_ Sardinha assada na rua*

### 3. A pesca do atum

A espécie mais vulgar do atum, é o *Thymus thymus*, peixe migratório que pode atingir dois metros de comprimento e um peso de 900kilos. Vai desovar ao mar Negro iniciando uma rota, cujo itinerário vai desde o Atlântico até ao Mediterrâneo, terminando no Mar Negro, sendo a sua passagem obrigatoriamente pelo Estreito de Gibraltar.

O atum é capturado em armações fixas durante o seu percurso para desovar “atum de direito” e no seu regresso “atum de revés”. É um peixe tímido e assustadiço ao ver as redes de pesca, içadas numa estrutura fixada por âncoras e boias, de aspeto labiríntico de corredores, desviava-se para um canal que os levava ao “copo”, uma armadilha de onde não podia sair, sendo aí fígados pelos arpéus dos pescadores, que se debruçavam, sobre as redes fígando os peixes com perícia. A esta tarefa chama-se copejada ou “tourada do mar”, constituindo um verdadeiro ritual de sangue.



*Figura 67\_Pesca do Atum*

As armações lançadas no Algarve eram verdadeiras obras de engenharia náutica, bastante onerosas, constituídas por quilómetros de redes, centenas de âncoras e milhares de boias, dando trabalho e pão a inúmeras famílias de pescadores.

A tradição desta pesca passava de pais para filhos. Conforme o regime dos ventos oscilava também a limpidez das águas, sendo tanto mais proveitosa quanto mais cristalinas fossem as águas.



*Figura 68\_Pesca do Atum*

E isto porque o atum, embora bastante corpulento, era muito assustadiço, preferindo marginalizar as redes em vez de investir contra elas, sendo por isso imprescindível que as visse, razão pela qual as águas teriam de estar límpidas. Caso contrário esbarravam na armação danificando a sua estrutura, mercê da confusão que a partir dali se estabelecia no grupo de tunídeos.

Estima-se que em meados do séc. XIX as armações no Algarve, capturaram entre 15 a 20 mil tunídeos por ano. Sabe-se, que o recorde das capturas por redes de cerco pertence às armações do Barril e Medo das Cascas, que no ano de 1881 pescaram respetivamente 46.825 e 40.729 atuns, de direito e de revés.

Era o Algarve a única região do país onde se pescava o atum através das artes de cerco.

As armações que laboravam nas concessões sediadas na costa de Faro, Tavira, Olhão e Portimão, davam trabalho a mais de uma centena de homens, que eram o suporte do sustento de muitas dezenas de famílias.

A armação fervilhava de vida humana, em torno da qual se reunia uma espécie de sociedade pesqueira.



*Figura 69\_Pesca do Atum*



*Figura 70\_Pesca do Atum*



*Figura 71\_Pesca do Atum*

#### 4. A pesca do bacalhau

A pesca do bacalhau teve início no século XV nos bancos de Terra Nova, na altura em que foi descoberta por John Cabot, a mando de Henrique VII de Inglaterra em 1497, os portugueses atribuíram essa descoberta a João Vaz Corte Real, antes de 1474, integrado numa expedição enviada pelo rei Cristiano I da Dinamarca, a pedido de D. Afonso V.



Figura 72\_Porto de Abrigo dos Bacalhoeiros em Saint Jonhs, Ilha Newfland, Canadá

No século XVI deu-se início o período áureo, com a largada de cem caravelas por ano, de Portugal para a Terra Nova, o rei D. Manuel I, por alvará em 1506 a 1588. No domínio Filipino, esta pesca termina, devido ao afundamento da maior parte dos barcos, só retomando uma atividade considerável, apenas no século XIX.

A pesca do bacalhau tinha características, muito diferentes, que as outras pescas não possuíam, dado o elevado número de homens que participavam na safra e tendo em conta o período mínimo de cinco meses que as viagens duravam.<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Marques, A.H. de Oliveira (1976) *História de Portugal*, 6ª Edição, editora Palas, Lisboa.

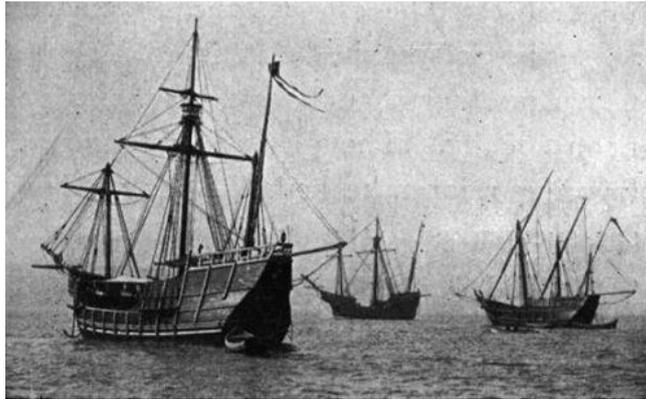


Figura 73\_ Caravelas primeira embarcação utilizada na pesca do bacalhau

A bordo a vida era muito dura, sem o mínimo de condições humanitárias, o que obrigava os pescadores a fazerem estas safras de pesca à linha, era a grande necessidade de ganhar dinheiro para o sustento da família e também os jovens em idade militar, cumprindo sete anos de pesca ficavam com o serviço militar cumprido “antes do 25 de abril de 1974, o serviço militar era obrigatório para todos os mancebos saudáveis”. No alto mar, os pescadores necessitavam de cuidados hospitalares ou correspondência, levando-os a recorrer à assistência francesa.

Associação de Oficiais da Marinha Mercante de Ílhavo pediu ao Ministro da Marinha em 1922 para que um navio fosse acondicionado, apetrechado e armado em navio-hospital, a fim de seguir para os Bancos da Terra Nova, para auxiliar toda a frota nacional, passando a haver a partir de 1923, o cruzador Carvalho Araújo, que prestava assistência médica, aos pescadores de bacalhau.

Este tinha como funções atender, examinar e internar doentes, distribuir correio e enviar telegramas. Este navio não tinha as condições necessárias para desempenhar a missão que estava a executar.

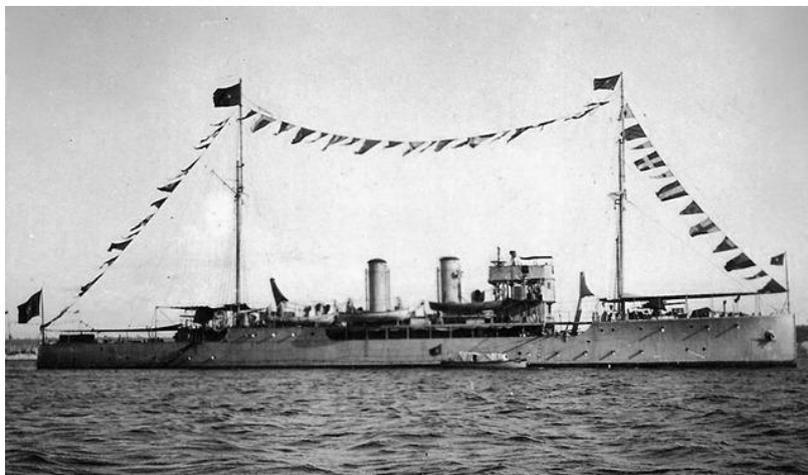


Figura 74\_ Cruzador carvalho Araújo

Em 1927 o navio Gil Eanes, entra ao serviço, na sua viagem inaugural, mas apenas em 1937 é que começa a cumprir a sua missão de assistência médica, hospitalar, terminando esta em missão 1954, um ano depois foi substituído por um navio, mais moderno, ao qual atribuíram o mesmo nome. Na atualidade este navio, faz parte da memória e do património marítimo português.



*Figura 75\_ Gil Eanes em 1927*



*Figura 76\_ Gil Eanes em 1955*

Durante o Estado Novo, o sector das pescas, especialmente a pesca do bacalhau, foi muito desenvolvido, no início da década de 1930, ficando assinalada por um novo recomeço.

De 1936 a 1967 deu início à Campanha do Bacalhau, relacionado à reestruturação corporativa da indústria efetuada pelo Estado Novo.<sup>18</sup>

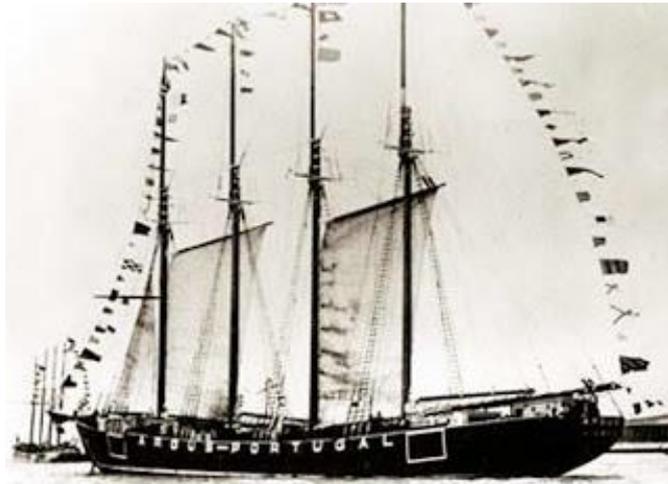


Figura 77\_Lugre-motor Argus



Figura 78\_Pescador e Dori, carregado de bacalhau

<sup>18</sup> Lopes, Francisco Marques e Ana Maria, 1996, *Faina Maior - A Pesca do Bacalhau nos Mares da Terra Nova*, 2ª Edição, Editora Quatzal, Lisboa



Figura 79\_Dori à vela junto a um iceberg

O início da década de 30 não assinalou somente a reestruturação da pesca do bacalhau, mas também, um rumo diferente da frota bacalhoeira:

*“Os mares da Terra Nova tornaram-se pequenos para as ambições da frota e os lugres começaram a rumar também à Gronelândia, onde a pesca era muito mais difícil, mas muito mais proveitosa. Este alargamento do rumo da frota bacalhoeira reorganizou o calendário das viagens, com partidas em finais de Março, princípios de Abril e chegadas em finais de Agosto”. (Lopes F. M., 1996)*



Figura 80\_Pescador a bordo do Creoula



Figura 81\_Lugre-motor Creoula

Com esta renovação, o tempo das viagens dilatou devido à quotização da pesca do bacalhau obrigatória pelas políticas corporativas do Estado Novo, a frota não era autorizada a regressar sem que a quota tivesse sido cumprida.

Foram criadas em 1934, leis de reestruturação da pesca do bacalhau, confiando ao “Estado o controlo das estratégias da pesca bacalhoeira, limitando as importações, dando preferência no comércio ao bacalhau nacional, estabelecendo quotas de pesca e preços de mercado, tornando assim a pesca e preparação do bacalhau na mais portuguesa de todas as indústrias, tudo isto através da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau”. (Garrido, 2004)

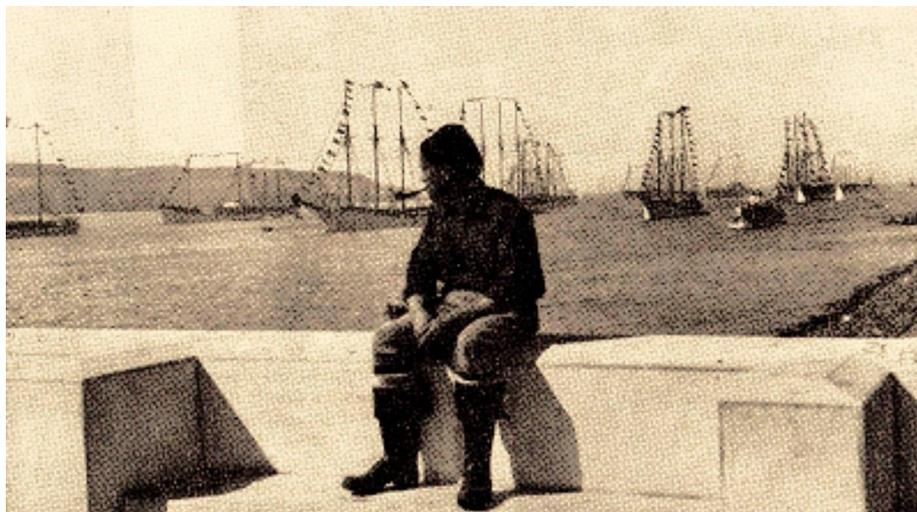


Figura 82\_Pescador descarregando o bacalhau para os quetes do navio

O Estado Novo, explorou politicamente a ocorrência da Campanha do Bacalhau, e produziu um discurso envolvendo os “grandes trabalhadores do mar”, não houve apenas vantagem política, alongou-se também à Igreja Católica com a tão famosa bênção dos bacalhoeiros, depois de 1937.

A cerimónia era realizada em Belém, na presença dos responsáveis dos mais altos cargos religiosos, militares e civis.

Nestas solenidades as embarcações, eram embandeirados em arco, com as velas içadas, e perante as altas individualidades, encontravam-se os pescadores com as tradicionais camisas aos quadrados e botas de borracha, tímidos no meio de tanta pompa, cada um com um certo sentimento de fé e devoção, ajudavam a homilia, junto ao Mosteiro dos Jerónimos ou em grandes cenários em frente ao Tejo com um aspeto de festivo, antes da partida dos navios, para a viagem de muitos meses. Os pescadores marinhos da pesca do bacalhau tinham no íntimo, o mesmo espírito de audácia, a mesma luminosa fé cristã, dos marinheiros dos Descobrimentos.<sup>19</sup>



*Figura 83\_ Bacalhoeiros fundeados em frente ao Jerónimos, à espera de receber a bênção*

---

<sup>19</sup> Simões, Jorge, 2007, *Heróis do Mar – Viagem à Pesca do Bacalhau*, Introdução de Álvaro Garrido, 1ª Edição, Editora Caleidoscópio, Lisboa, p. 42

Durante a guerra, foram torpedeados, vários navios, perdendo-se muitos dóris, tornou-se necessário pintar os lugres e escunas de branco, com o nome pintado em grande formato no costado da embarcação, e embandeiramento com as cores nacionais pintadas na popa e proa.

Os anos de guerra não são os mais sinistros, pois em todas as campanhas aconteciam naufrágios de navios, no gelo, e de outras causas.

O alvoroço sentido, no período pós 25 de Abril de 1974, não transformou a tendência de decadência, agravando mais ainda a situação com a dissolução dos Grémios e das Casas de Pescadores, criando a Secretaria de Estado das Pescas e as Associações de Armadores e Sindicatos de Pescadores.

Este período ficou marcado pela redução de navios de pesca à linha, e pelo aumento progressivo do número de arrastões, que foram acompanhados pelo rápido surgimento e crescimento, dos navios com redes de emalhar, conclui-se que a frota de bacalhau progrediu, desde a década de 70, no sentido de, além da salga de bacalhau a bordo, incluir também a congelação a bordo para outras espécies importantes.



Figura 84\_Pesca á linha do bacalhau



Figura 85\_ Navio, Dóris e pescadores descarregando o pescado



Figura 86\_ Pesca do Bacalhau

A pesca do bacalhau à linha terminou em 1974, depois de o último lugre ter partido pela última vez para os bancos da Terra Nova e Groenlândia três anos depois.

Com a diferente forma de pescar, trocando os dóris para a pesca de arrasto, a partir de 1960, veio o inevitável declínio da pesca do bacalhau.

A pesca desmedida com a utilização dos arrastões, contribuiu para a destruição dos pesqueiros nos fundos dos mares, a falta de mão-de-obra e a liberalização do comércio do bacalhau, deram origem que, a partir de 1968, as deficientes e duras condições de trabalho, transpuseram a vida destes pescadores para outras direções, a emigração e a pesca costeira.



Figura 87\_Arrasto do bacalhau

O bacalhau, peixe que outrora foi tão abundante, e que aliciou muitas gerações de marinheiros pescadores de muitos países, Portugal; Espanha; França; Inglaterra; Rússia; Holanda entre outros, a arriscarem a vida em mar tão perigoso como é o Atlântico Norte, onde a abundância de peixe, era tal que em poucos meses, carregavam os navios e voltavam há suas Pátrias.

Este recurso natural, quase vai à extinção devido à falta de visão dos responsáveis sobre estas questões, deveriam ser tomadas as medidas necessárias de proteção em devido tempo, para impedirem a captura desta espécie, com arrastões ou com quaisquer outro tipo de redes.

A captura do bacalhau, só deveria ser permitida à linha, aparelhos constituídos muitos metros de cabo fino e anzóis, distanciados cerca de 1.00m uns dos outros, como único método, certamente que hoje ainda haveriam enormes reservas de pescado nos bancos da Terra Nova e Groenlândia, que eram mais do que suficientes, para alimentar a nossa geração e as vindouras.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Coelho, Manuel Francisco Pacheco, 1999, *A tragédia dos Comuns Revisitada. A pesca do bacalhau na Terra Nova: Consequências do Regime das 200 milhas*, Tese de Doutoramento, Orientador: Prof. Doutor Rui Junqueira Lopes, Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa, p. 363-381



Figura 88\_Bacalhau do Atlântico (Príncipe dos Mares do Norte)

**“Características:** Bacalhau do Atlântico é um peixe de escamas. Pode atingir os 2 m de comprimento e até 96 kg de peso no caso do macho e 1.5m no caso da fêmea. Habitam o norte do Cabo Hatteras, Carolina do Norte, ao largo de ambas as costas da Gronelândia; no Atlântico oriental é encontrado a norte da Baía da Biscaia até ao Oceano Ártico, incluindo o Mar Báltico, o Mar do Norte, o Mar das Hébridias, áreas em redor da Islândia e Mar de Barents. O Cod Fish é considerado o Príncipe dos Mares do Norte.” (pescados, 2016)

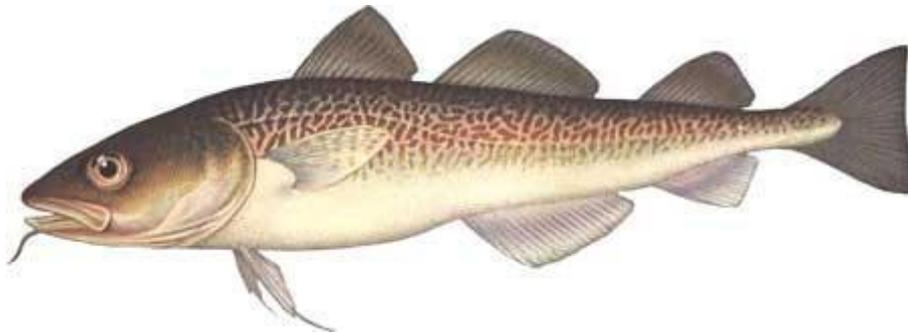


Figura 89\_Bacalhau do Pacífico (Bagre marinus)

**“Características:** Bacalhau do Pacífico é um peixe de escamas. Habitam o Pacífico Norte na região do Alasca. O Cod *Gadus Macrocephalus*, ou Bacalhau do Pacífico, é muito semelhante em aspecto com o Cod *Gadus Morhua*. Sua carne é fibrosa, tem mais dificuldade para ser lascado e não possui o paladar do bacalhau do Atlântico Norte.” (pescados, 2016)



Figura 90\_Bacalhau Saithe

**“Características:** Bacalhau Saithe é um peixe de escamas. Habitam o Mar de Barents e Spitsbergen a Baía de Biscaia, ao redor da Islândia, Groenlândia sudoeste e no Atlântico Ocidental do Estreito de Hudson à Carolina do Norte nos EUA. Em Portugal é chamado de Escamudo.” (pescados, 2016)



Figura 91\_Bacalhau Ling

**“Características:** Ling é um peixe de escamas. Habitam a região atlântica e pode ser encontrado ao redor da Islândia, Ilhas Britânicas Ocidental, a Norte da costa e, ocasionalmente, cerca de Newfoundland, conhecido como a donzela tem um longo fino corpo que pode chegar a 2 metros de comprimento, na idade adulta.” (pescados, 2016)



**Parte III: Estado da Arte**



## Estudo de Casos

Ao longo da história, o colecionismo tornou-se um hábito humano, pois por diversas razões o ser humano coleciona objetos e atribui-lhes algum valor desde afetivo, cultural, ou simplesmente material, o que justifica a sua preservação ao longo do tempo. É assim que surge a ideia de museu, onde se poderia guardar os objetos colecionáveis, e partilhá-los com outras pessoas interessadas.

Sabe-se que a palavra museu deriva da palavra latina museum, que, por sua vez, vem do grego mouseíon, o templo dedicado às musas. Contudo, o ato de colecionar, aliado ao desejo de expor a coleção, marca o surgimento do museu, apesar do conceito atual da palavra museu ser bastante diferente do conceito original. A esta alteração ao longo dos tempos, o museu constituiu sempre uma instituição aberta ao público, voltada para a memória do passado e para a construção do futuro.<sup>21</sup>

Os museus que abordam a temática marítima são espaços onde o património marítimo de determinada cultura marítima é resguardado. São diversos os espaços que existem em todo o mundo, e que se dedicam a este tema, o Mar.

Como tal, é pertinente referenciar alguns exemplos destes museus internacionais, no entanto, as razões que levaram à escolha destes três museus não foram completamente homogéneas.

O **Museu Nacional Marítimo** em Londres, interessou-me pelo seu extraordinário espólio bibliográfico, sendo mesmo considerado o maior museu marítimo do mundo dentro do estilo, aliando a vertente “clássica” com a dinâmica moderna, na existência de um simulador.

O **Museu Marítimo do Atlântico** é objeto de estudo, por ser o maior e mais antigo museu marítimo do Canadá, tendo celebrado o seu 60º aniversário em 2008.

Este museu também foi escolhido por ter resultado do esforço de um grupo de oficiais em criar um espaço onde a história marítima local fosse preservada.

---

<sup>21</sup> Gonçalves, Lisbeth Rebollo (2004) *Entre Cenografias, O Museu e a Exposição de Arte no Século XX*, Editora da Universidade de São Paulo, Brasil, p. 13-14.

Por último, o **Museu Marítimo Osaka**, contrasta com os outros três museus escolhidos, tendo sido inaugurado no ano de 2000.

A sua escolha deveu-se também à sua característica física deslumbrante, em que a sua cúpula de vidro parece flutuar na Baía de Osaka, mantendo assim uma dupla relação com a temática, tanto pelo seu interior com as exposições, como pela sua localização no mar. Apesar da diversidade de temas abordados e de terem localizações distintas e afastadas, todos estes museus têm uma característica comum, pois além de retratarem a temática marítima, os seus edifícios são monumentais e encontram-se situados em centros históricos.

O **Museu Nacional Marítimo**, em Greenwich, Londres, foi inaugurado a 27 de abril de 1937 pelo Rei George VI, tendo sido criado por lei no Parlamento em 1934.

Nas exposições deste museu, dedicado à marinha do Reino Unido, é possível ter contacto com 500 anos de história marítima, e da relação que a Grã-Bretanha estabeleceu com o mar.

Os edifícios do museu foram construídos em 1807, com o objetivo de formar uma escola para os filhos de navegantes. O museu compõe-se com uma das mais importantes exposições da história naval britânica, onde é possível encontrar cartografia, manuscritos, maquetes e planos de barcos, instrumentos científicos e de navegação e ainda arte marítima.

Este alberga ainda a maior biblioteca do mundo de referências bibliográficas sobre a história naval (cerca de 100 mil volumes), com livros datados do século XV. As coleções presentes compreendem cerca de 2.480 mil itens, muitos deles cedidos por empréstimo a museus em outros lugares da Grã-Bretanha.



*Figura 92\_ Fachada do Museu Nacional Marítimo*



Figura 93\_Sala de exposição



Figura 94\_Sala de exposição



Figura 95\_Sala de exposição

O **Museu Marítimo do Atlântico**, em Halifax, Nova Escócia no Canadá, deve a sua origem a um grupo de oficiais da Marinha Real Canadense que idealizou um museu marítimo, onde se pudesse salvaguardar as relíquias do passado naval do Canadá. Este começou por ser um pequeno espaço no estaleiro de Halifax, em 1948, tendo-se mudado em 1952 para a cidade de Halifax, tornando-se em 1957 o Museu Marítimo do Canadá. No entanto, com a ocorrência de cheias e incêndios nos inícios dos anos 60, provocaram mudanças temporárias para vários sítios até 1965, quando uma casa foi encontrada no edifício de uma antiga padaria em terrenos da Marinha. Em 1967, o museu tornou-se na secção de História Marítima do Museu da Nova Escócia. Por sua vez, durante os anos 70 efetuou-se uma longa procura por instalações permanentes e finalmente em 1982 o Museu Marítimo do Atlântico foi estabelecido junto ao porto de Halifax, abrindo ao público a 22 de Janeiro desse ano. A coleção do museu representa a história marítima da Nova Escócia e das regiões ou temas que são considerados relevantes ou de interesse para o povo da Nova Escócia.



Figura 96\_ Fachada do Museu Marítimo do Atlântico



Figura 97\_ Museu Marítimo do Atlântico



Figura 98\_Sala de exposições



Figura 99\_Sala de exposições

O **Museu Marítimo Osaka**, no Japão, foi inaugurado em julho de 2000, tendo sido iniciada a sua construção em 1998.

Este exuberante museu, tem uma característica única, pois além de estar em cima da água possui uma cúpula esférica que parece flutuar na baía de Osaka, sendo o acesso através de um túnel submerso. Esta cúpula fora construída fora da localização do museu, e transportada através de uma grua flutuante para a estrutura do museu.

No seu interior, o museu apresenta uma reprodução de tamanho original de um barco de madeira da época Edo entre 1615 e 1868, que foi colocada no centro do globo, como se flutuasse sobre a água. Nos quatro andares do museu consta uma gama de artefactos e exposições relacionadas com o desenvolvimento do comércio marítimo em torno de Osaka e internacionalmente.

É constituído por duas salas de vídeo, no porão, onde é exposto um vídeo sobre um marinheiro japonês, e onde os visitantes têm a sensação do balancear das ondas. Existe também um simulador que dá aos visitantes a oportunidade de tentarem navegar num barco a vela.

À noite, o museu fica iluminado aparecendo como uma pérola de cultura, uma gota de água no oceano.



Figura 100\_ Fachada do Museu Marítimo Osaka

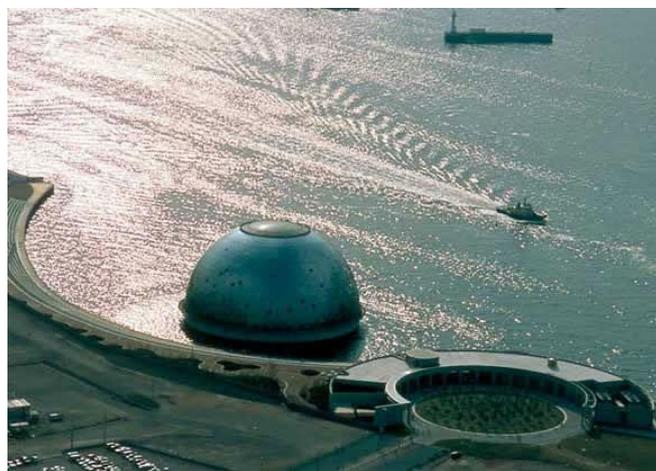


Figura 101\_ Vista aérea do Museu Marítimo Osaka

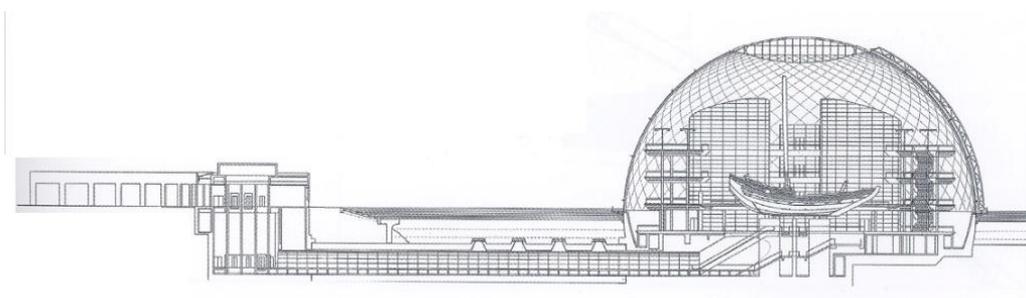


Figura 102\_ Corte do Museu Marítimo Osaka

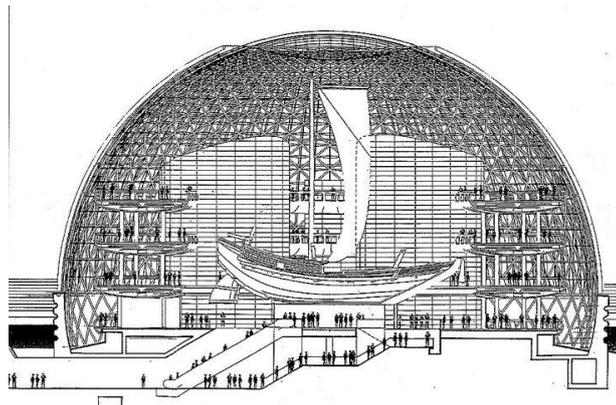


Figura 103\_Corte do Museu Marítimo Osaka



Figura 104\_ Interior do Museu Marítimo Osaka



Figura 105\_Sala de exposições

Em Portugal, existe uma multiplicidade de património marítimo, sendo encontrado nas ruas, em monumentos, ou em espaços fechados e mais formais como é o caso dos museus. No entanto a diversidade de sub temáticas, dentro da temática marítima é bastante grande, de modo que optamos por referir cinco exemplos nacionais de museus que se dedicam ao estudo e divulgação de alguma área relacionada com o património marítimo.

## 1. Museu do Mar Rei D. Carlos

Um dos muitos museus relacionados com o património marítimo em Portugal é o **Museu do Mar Rei D. Carlos**, em Cascais desde a sua fundação em 1879 por iniciativa do Príncipe Carlos. Este museu reúne as memórias das gentes do mar de Cascais além de outras temáticas marítimas, pois ao longo dos anos da sua existência foi alargando as diversas exposições, sendo possível atualmente encontrar seis exposições permanentes: “Cascais na Rota dos Naufrágios; Biodiversidade; Gentes do Mar – Pescarias”; “Marinharia e Navegação; Fósseis Marinhos e por último, D. Carlos e a Ciência Oceanográfica”.<sup>22</sup>

Este encontra-se cada vez mais vocacionado para o estudo e para a divulgação da biodiversidade marítima, assim como dos problemas ambientais, no entanto grande parte das exposições são dedicadas ao património marítimo subaquático, encontrado no mar de Cascais.

No entanto, outras exposições são mais de carácter etnográfico, expondo trajes das gentes do mar de Cascais, assim como a recriação de matérias e técnicas tradicionais de pesca, expostas através de imagens do passado e do presente, de filmes, fotografias antigas, bem como objetos antigos usados pela comunidade, destacando-se as embarcações tradicionais de Cascais.

Como o próprio nome do museu indica, o rei D. Carlos como fundador do mesmo, sendo que neste é relatado o seu papel no desenvolvimento de estudos oceanográficos através das suas campanhas às profundidades submarinas.

Este museu conta no entanto com algumas exposições temporárias relacionadas sempre com a temática do mar.

O museu do mar Rei D. Carlos no ano de 2013 fez parte da organização do Congresso Internacional dos Museus Marítimos.

---

<sup>22</sup> <http://www.cm-cascais.pt/museumar/home.html> [Consult. Maio 2016]



Figura 106\_Fachada do Museu do Mar Rei D. Carlos



Figura 107\_Sala de exposições



Figura 108\_Sala de exposições



Figura 109\_Sala de exposições

## 2. Museu Marítimo de Ílhavo

O **Museu Marítimo de Ílhavo**, Aveiro, foi fundado por Américo Teles, a 8 de Agosto de 1937, tendo como vocação a exposição etnográfica e regional, destinada a divulgar a ligação entre a população ilhavense, o mar e a ria de Aveiro.

A constituição deste museu, não foi fácil, tendo sido possível com o apoio da Associação dos Amigos do Museu Marítimo de Ílhavo, fundada igualmente por Américo Teles em Agosto de 1924, apesar de só ter sido oficialmente criado em Abril de 1941, este ainda prevalece na vida do museu. Apesar da sua antiga fundação, só foram inauguradas as novas e atuais instalações do museu em 2001.



Figura 110\_Fachada do Museu Marítimo de Ílhavo



Figura 111\_Sala de exposições

Neste museu existem três exposições principais, de cariz permanente, distribuídas por quatro salas distintas. Na primeira, na Sala da Faina/Capitão Francisco Marques é possível encontrar uma exposição dedicada ao tema da pesca do bacalhau à linha com dóris, juntamente com a reconstituição do navio Faina Maior.

Esta exposição organiza-se em três espaços: ao centro encontra-se a um barco à escala real, uma reconstituição de um iate de pesca do bacalhau do início do séc. XX, cortado pelo convés.



Figura 112\_Sala de exposições



Figura 113\_Santo-André arrasto do bacalhau

Neste encontramos todos os materiais que eram necessários para a faina. À direita, foram colocadas uma série de peças que fizeram parte do quotidiano dos tripulantes de veleiros portugueses entre os anos quarenta e sessenta. Por fim do lado esquerdo, representam-se os principais espaços do navio que ficam sob o convés, tais como sítios a bordo onde se comia, dormia e o porão de salga. Esta exposição termina com a reconstituição de um estaleiro de dóris, o barco usado pelos portugueses para a pesca do bacalhau até 1974, e uma maquete representando a área de seca do bacalhau da Figueira da Foz.

Ao longo de toda a exposição encontram-se passagens do livro de Allan Villers “A Campanha do Argus” assim como fotos deste autor.



Figura 114\_sala de exposições

Na sala da Ria, encontra-se uma exposição dedicada à faina agro-marítima da Ria de Aveiro, onde se encontram as embarcações tradicionais (destacando o Moliceiro), e onde se revelam os testemunhos de atividades económicas então quase desaparecidas nos dias de hoje, como é o caso da apanha do moliço, a extracção e o transporte do sal, as pescas artesanais típicas da laguna com artes adaptadas às espécies outrora mais prolíferas e ainda a construção artesanal de barcos de Ria, documentada através da recriação de um estaleiro pitoresco dos anos quarenta do século XX.



Figura 115\_Sala de exposições

Na Sala dos Mares, dedicada à exposição permanente de uma coleção de modelos de embarcações que exprimem a diversidade do património marítimo fluvial português e a ligação dos ilhavenses ao mar.



Figura 116\_Sala de exposições

Numa última exposição, a Sala das Conchas, encontra-se uma exposição de conchas doada ao museu por Pierre Delpeut em 1965. Esta constitui a maior coleção de conchas do país, bem como uma coleção de algas marinhas colhidas e tratadas por Américo Teles, fundador do museu. O museu contém ainda, espaços como a biblioteca, o arquivo, um auditório, uma cafetaria, uma loja e ainda um aquário dos bacalhaus.



Figura 117\_Sala de exposições

O Aquário dos Bacalhaus do Museu Marítimo de Ílhavo foi inaugurado no dia 13 de Janeiro, no âmbito das comemorações do 75º aniversário do Museu Marítimo de Ílhavo, pela Câmara Municipal, com intuito de promover o município como a Capital Portuguesa do Bacalhau. Este integrou-se num Programa de Regeneração Urbana do Centro Histórico de Ílhavo.

O aquário tem uma capacidade de 120 m<sup>3</sup> de água salgada (criado artificialmente com sal medicinal de origem alemã de modo a aproximar às características do habitat natural), e uma temperatura média de 12°C, sendo que a alimentação dos bacalhaus é assegurada pela Associação de Pesca Artesanal da Ria de Aveiro (APARA). Para a criação deste projeto, foi necessária a cooperação com o Museu Marítimo de Alesund, na Noruega, desde 2006.

Esta cooperação permitiu ao Museu Marítimo de Ílhavo receber apoio técnico na elaboração e funcionamento e ainda os bacalhaus que se encontram no Aquário, de forma a cumprirem o objetivo de divulgar a história e cultura do Bacalhaus.



*Figura 118\_Sala de exposições*



*Figura 119\_Vista do aquário*

### 3. Museu dos Baleeiros

O **Museu dos Baleeiros**, localiza-se na ilha do Pico, nos Açores. Integra a Rede Regional de Museus como extensão do Museu do Pico, e destaca-se por ser, em seu tema, o único no país e um dos poucos na Europa.

O encerramento da "caça à baleia" em Portugal ocorreu em 1987, ano em que o último cachalote foi capturado nas águas dos Açores. No arquipélago, as técnicas sempre permaneceram artesanais, com a aproximação feita à vela e de arpão na mão.

O projeto para a materialização de um museu que mantivesse a memória desta atividade centenária no arquipélago remonta a 1968. Em 1971 a Comissão Regional de Turismo da Horta nomeou uma Comissão Organizadora do Museu da Baleia. Mais tarde, em 1977 realizou-se o contrato de arrendamento das três antigas casas de botes baleeiros no cais das Lajes do Pico, com vistas à instalação do museu, que passou a ser designado como "Museu dos Baleeiros". Entretanto, a primeira exposição teve lugar apenas em 1979, em instalações provisórias que pertenciam à Câmara Municipal das Lajes do Pico.

As instalações do atual museu foram inauguradas em 28 de Agosto de 1988.

O projeto de recuperação e reabilitação do conjunto das antigas "casas dos botes" que datam no século XIX, de autoria do Arquiteto Paulo Gouveia.

O Museu expõe e interpreta uma série de aspetos ligados às atividades e à vida quotidiana dos baleeiros. A exposição permanente desenvolve-se ao longo de cinco núcleos: "o bote baleeiro açoriano"; "a tenda de ferreiro"; "o baleeiro em terra"; "a carpintaria naval"; "a arte baleeira".

O museu dispõe ainda de: uma biblioteca especializada no tema da caça à baleia, inclusive com mapas e livros de bordo; um pequeno auditório onde é apresentado o filme "Os últimos baleeiros".

No exterior do Museu, encontra-se na pequena praça a reconstituição de um traiol de derreter a fogo direto, onde eram processadas as peças desmanchadas dos cachalotes.



Figura 120\_ Fachada do Museu dos Baleiros



Figura 121\_ Sala de exposições



Figura 122\_ Sala de exposições

#### **4. Legislação**

**Portaria 223/2012**, de 24 de julho

**Despacho 11142/2012**

**Decreto-Lei 115/2012**, de 25 de maio

**Decreto-Lei n.º 114/2012**, de 25 de maio

**Decreto-Lei n.º 126-A/2011** de 29 de Dezembro

#### **Secção I**

#### **Missão e atribuições na área da cultura**

##### **Artigo 22.º**

##### **Missão e atribuições**

**a)** Salvar e valorizar o património cultural imóvel, móvel, arqueológico, arquivístico, audiovisual, bibliográfico, fonográfico, fotográfico e imaterial, bem como assegurar a política museológica nacional;

##### **Artigo 28.º**

##### **Direção -Geral do Património Cultural**

**c)** Propor e executar a política museológica nacional, promover a qualificação e credenciação dos museus portugueses, reforçar e consolidar a Rede Portuguesa de Museus, assegurar a gestão das instituições museológicas dependentes e coordenar a execução da política de conservação;

#### **Legislação habilitante**

O presente Regulamento é elaborado ao abrigo do disposto nos seguintes diplomas legais:

- a)** Constituição da República Portuguesa, de 2 de Abril de 1976, incluindo a VII Revisão Constitucional, de 2005;
- b)** Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro, que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do Património Cultural;

- c)** Lei nº 75/2013 de 12 de Setembro, que estabelece Regime Jurídico das Autarquias Locais das Entidades Intermunicipais e do Associativismo Autárquico;
- d)** Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto, que Aprova a Lei-quadro dos Museus Portugueses;
- e)** É considerada legislação habilitante todo o diploma que substitua algum dos referidas alíneas ou que venha a ser publicado e respeite as normas de funcionamento e gestão das instituições museológicas.



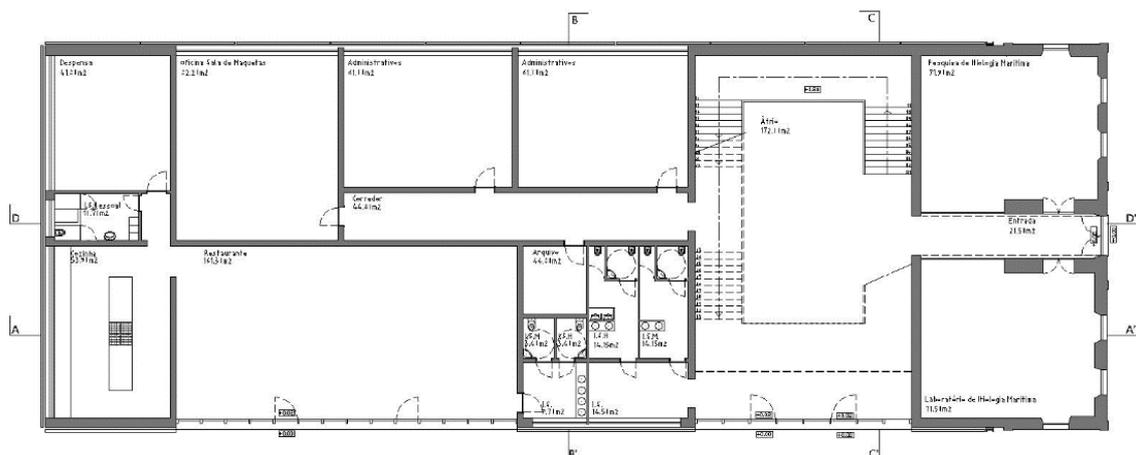


## 1. Edifício 1 (Reabilitação e Requalificação)

É o antigo matadouro de Olhão reabilitado. Nesta reabilitação efetuou-se a demolição parcial do velho edifício, apenas se mantendo a parte mais importante, exposta a Este, com algum interesse do ponto de vista da sua arquitetura e como memória de um edifício que serviu Olhão durante muitas décadas, com muita dignidade, marcando uma época.

O edifício mantém a implantação longitudinal este-oeste de 1 107,00m<sup>2</sup> e possui uma área bruta de construção de 1 481,25m<sup>2</sup>.

O piso 0 é constituído por grande átrio, dois compartimentos destinados à pesquisa e laboratório de Ictiologia Marítima, dois gabinetes administrativos, uma sala para elaboração de maquetas, casas de banho, arquivo e restaurante com cozinha, casas de banho e despensa.



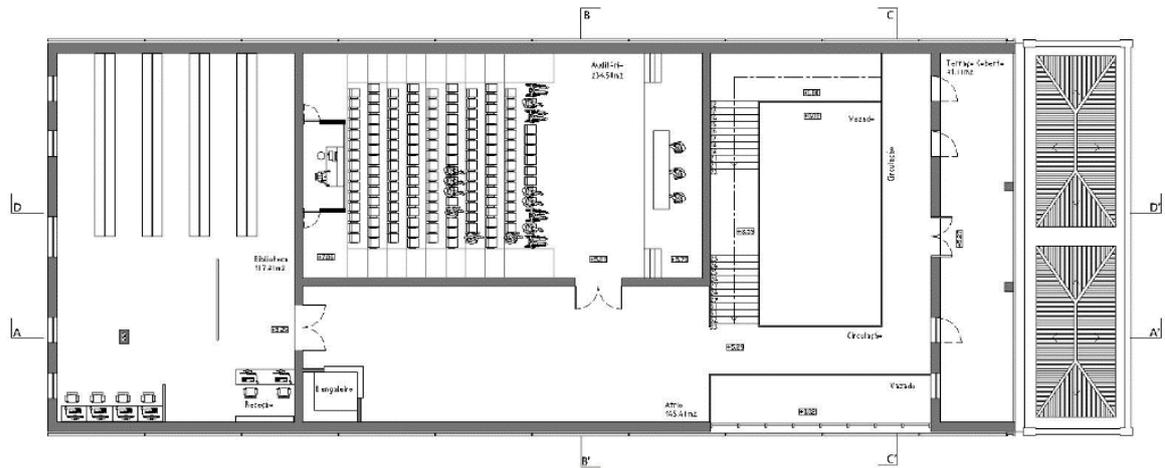


Figura 125\_Planta Piso 1\_Edificio 1

Na cobertura não visitável, estão dispostos painéis fotovoltaicos para produção de energia elétrica, tornando deste modo o edifício autossustentável neste tipo de energia.

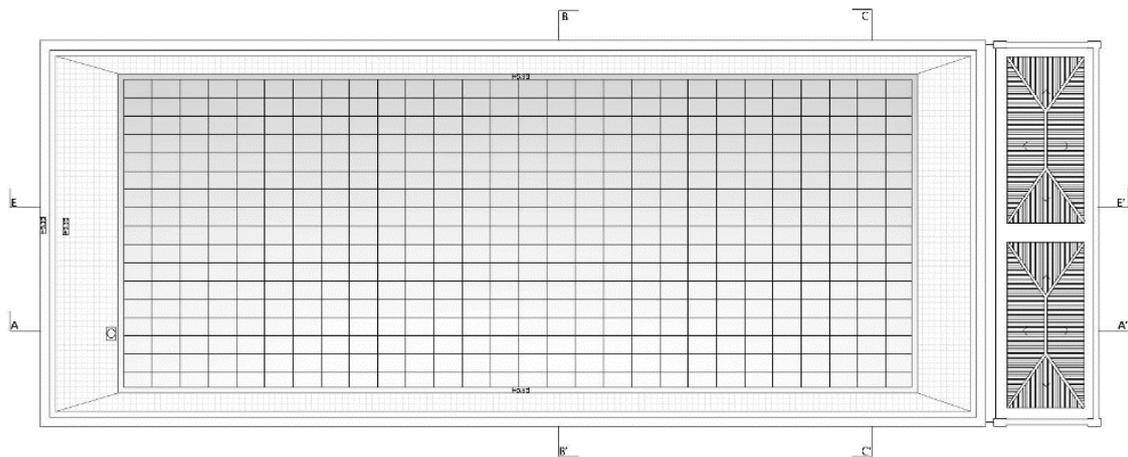


Figura 126\_Planta Cobertura\_Edificio 1

Este edifício é constituído por uma estrutura em betão armado, dispõe de paredes em alvenaria de betão aparente no exterior, sendo o interior em alvenarias de tijolo cerâmico, o isolamento térmico do tipo XPS está disposto entre paredes de modo a que não existam pontes térmicas. As lajes de pavimento também são munidas de isolamento térmico do tipo aglomerado de cortiça prensada, com acabamentos em pavimentos de granito claro ou em solho de madeira dependendo tal do tipo de compartimento.

A laje de cobertura além do isolamento térmico é equipada com duas telas asfálticas que se sobrepõem e tela para-vapor, o acabamento é em pavimento cerâmico. O interior está equipado com tetos falsos, onde será aplicado um isolamento acústico do tipo lã de rocha.

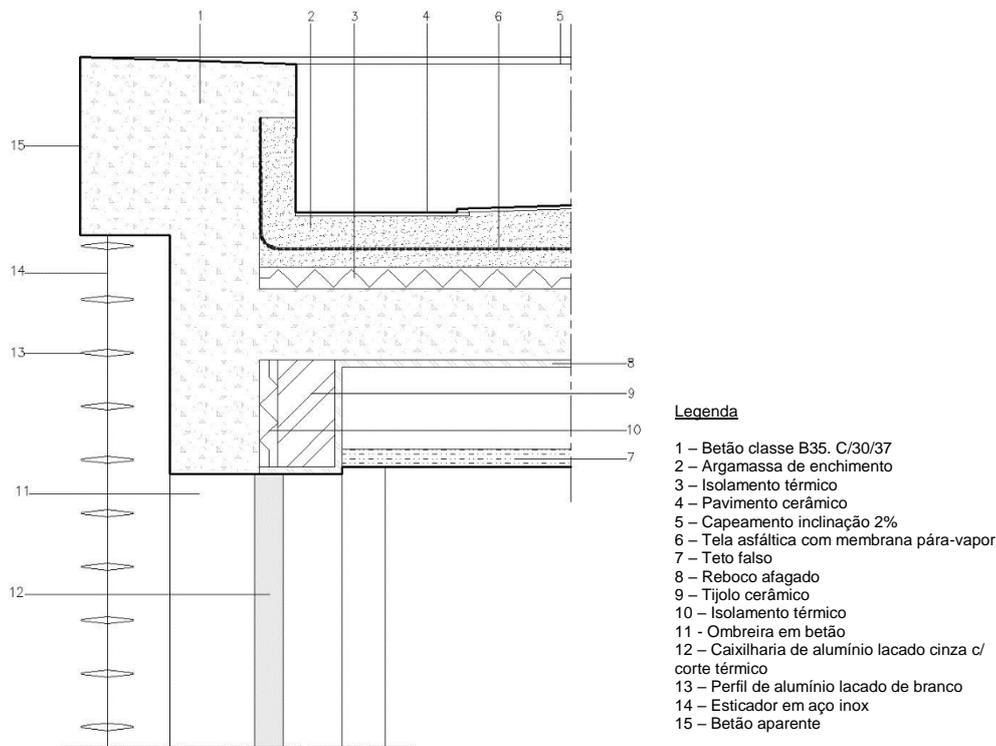


Figura 127\_Pormenor Construtivo\_Edificio 1

Aplicar-se-ão dois tipos de tetos falsos, onde também ficarão implantados pontos de iluminação, cujos suportes se destinam a lâmpadas led, serão lisos nos compartimentos indiferenciados, no átrio e restaurante serão ondulados, de modo a manter uma presença constante do mar, representada pela sua ondulação.

O exterior possui panos de parede equipados com um sistema, constituído por perfis de alumínio lacados de branco cujo desaine, proporciona um aspeto arquitetónico invulgar ao edifício, que o protege contra a extrema exposição solar, proporcionando, conforto térmico.

Os Caixilhos envidraçados escolhidos que se aplicam no exterior, serão em aço inox, com vidros duplos térmicos de 1,5cm de espessura.

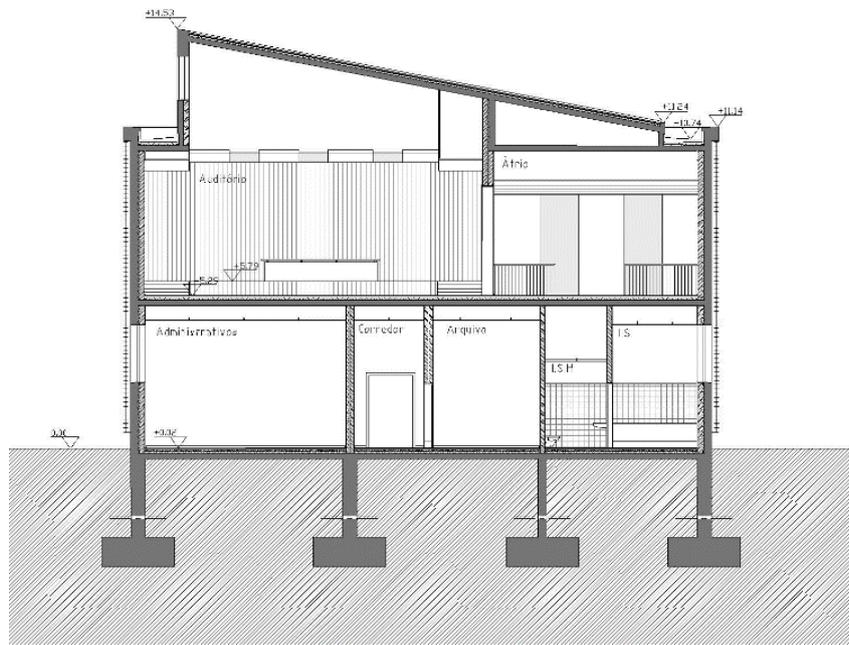


Figura 128\_Corte B-B'\_Edifício 1

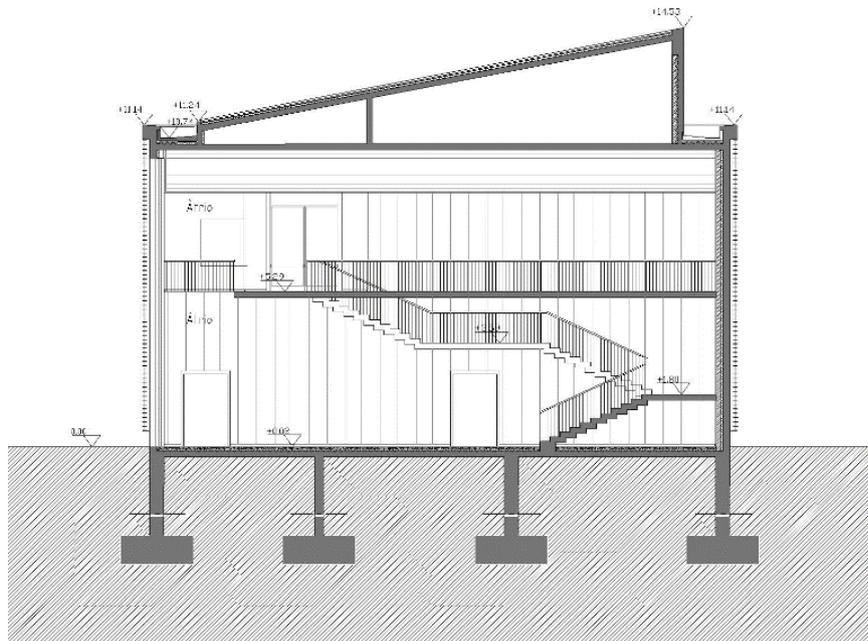


Figura 129\_Corte C-C'\_Edifício 1

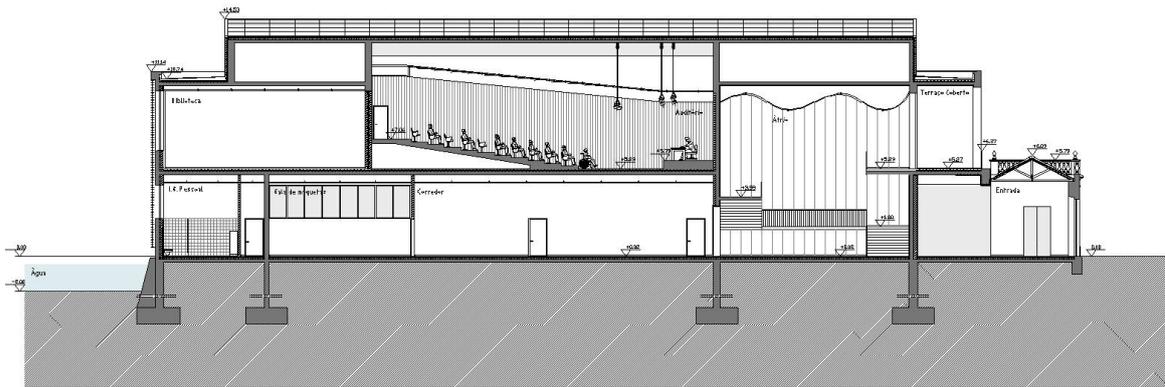


Figura 130\_Corte D-D'\_Edifício 1

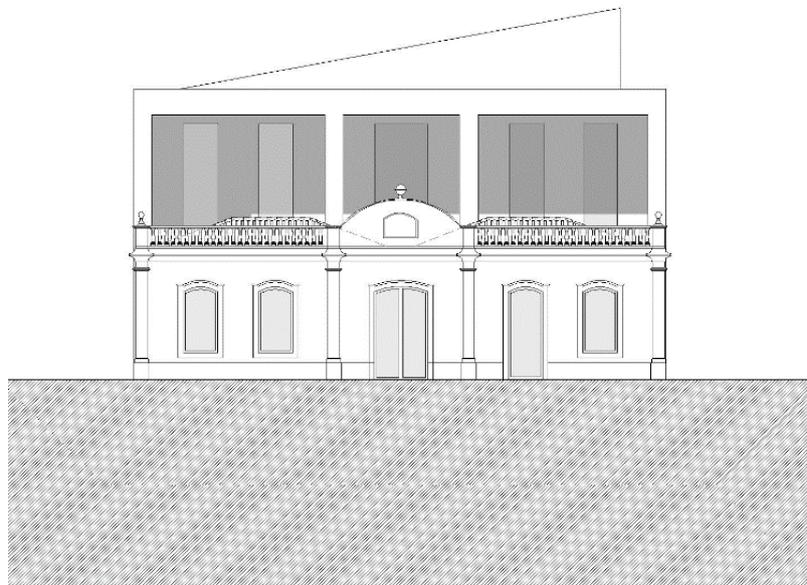


Figura 131\_Alçado Este\_Edifício 1

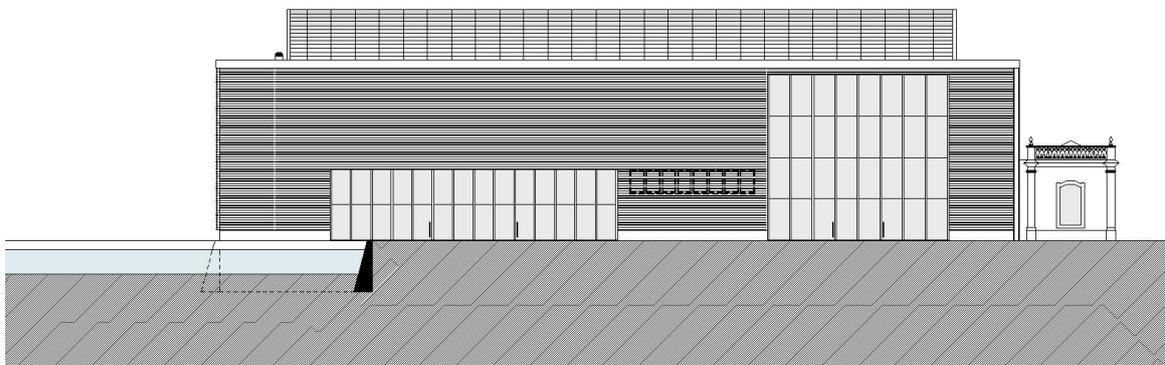


Figura 132\_Alçado Sul\_Edifício 1

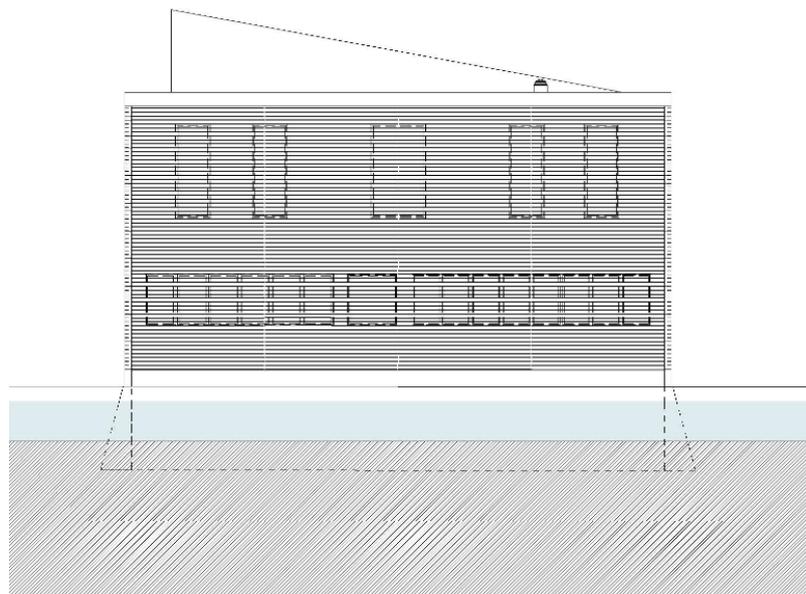


Figura 133\_Alçado Oeste\_Edificio 1

## 2. Edifício 2 (Nova Construção)

A sua geometria teve origem no conceito da arquitetura cubista marcante em Olhão. Pela sua leitura podemos concluir que estão representados todos os pontos fortes que sobressaem neste arquitetura, numa construção contemporânea, onde também se representa a memória de fábricas de conserva já desaparecidas, existindo ainda pelo menos um exemplar, que já não está em funcionamento.

**Este edifício é constituído por três módulos**, um intermédio que possui uma leitura toda voltada para o exterior, onde se localizam escadas de acesso para os pisos superiores dos módulos extremos, dispostos a Sul e a Norte, possuindo no seu eixo uma via vertical, muito marcante representativa do conceito “Mirantes”, onde no seu interior está em funcionamento um elevador, que se eleva a três plataformas, representativas das açoteias, uma última que será a quarta, não possui acesso de elevador, é uma representação dos contra mirantes, que eram construídos só em casos onde do mirante, já não se conseguia ver o mar, porque a vista já estaria obstruída por um outro mirante do vizinho.

Esta via vertical a partir do piso 1 é guarnecida e ladeada por uma escada estreita, cujo conceito representa o acesso tradicional aos mirantes de cada casa na zona histórica de Olhão, neste projeto também terá a função de escada de emergência. Das plataformas “açoteias”, descritas, pode-se observar toda a cidade de Olhão, muito especialmente toda a zona histórica, a Este, o mar, as Ilhas da Armona, Culatra, Hangares, Farol e para do lado Norte, o serro de S. Miguel.

**O edifício implanta-se** longitudinalmente no sentido Norte/Sul com 1 875,00m<sup>2</sup> e possui uma área bruta de construção de 2 500,00m<sup>2</sup>.

No módulo Sul ao nível do piso 0, apresenta-se a entrada, que acede à receção, onde é efetuado o controle do público visitante, seguindo daí um itinerário no interior do piso, onde podem ser observados vários expositores alusivos aos diversos tipos de pesca, maquetas de embarcações, exposição de fotografias e apetrechos de marinharia e pesca, neste espaço do piso localizam-se Instalações sanitárias para ambos os sexos, podendo ser utilizadas também por indivíduos de mobilidade reduzida.

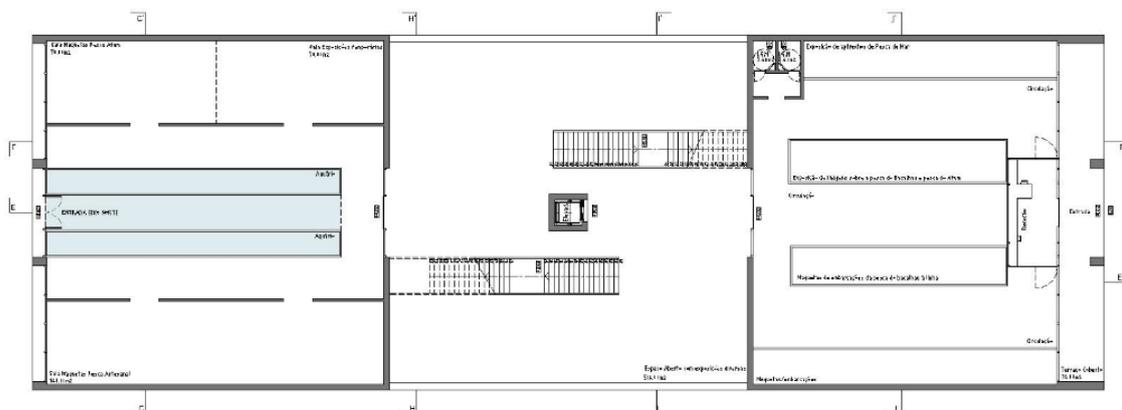


Figura 134\_Planta Piso 0\_Edificio 2

Continuando o itinerário o visitante dirige-se ao piso 1, do mesmo módulo, através do elevador ou escada localizados no módulo central.

Este piso é destinado a exposições permanentes alusivas ao mar e à cidade de Olhão, onde se encontram instalações sanitárias para ambos os sexos e para indivíduos de mobilidade reduzida. Deste espaço o visitante dirige-se ao módulo do lado Norte, através do passadiço localizado no eixo longitudinal de todo o conjunto, aproveitando vistas da paisagem urbana no percurso.

No piso 1 deste módulo o visitante pode deliciar-se com as diversas espécies de peixes que qua bitam o aquário envidraçado, que ocupa o nível de fundo do espelho de água, piso 0 e do piso 1 e também podem observar o espaço reservado a exposições permanentes e temporárias que se situam em ambos os lados do aquário.

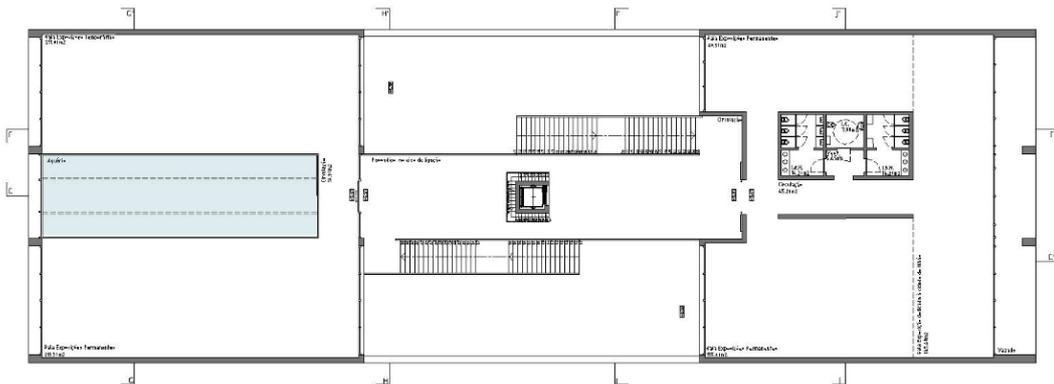


Figura 135\_Planta Piso 1\_Edificio 2

Quando concluída a visita a este espaço, poderá subir aos mirantes dispostos em quatro níveis para uma observação da zona histórica e do mar entre outros. Poderá descer pelo elevador ou pela escada, chegado ao piso 0, do lado Norte, o visitante vai apreciar novamente o aquário, exposições permanentes e temporárias que se localizam em ambos os lados deste. Ao sair do edifício para o exterior, o visitante vai andar num percurso através de um túnel de vidro transparente, no interior do aquário, onde estará rodeado por peixes, lateralmente, acima e em baixo, pois o visitante para sair para o exterior, terá de pisar um pavimento envidraçado transparente, onde pode observar o movimento circulatório dos peixes à volta do túnel.

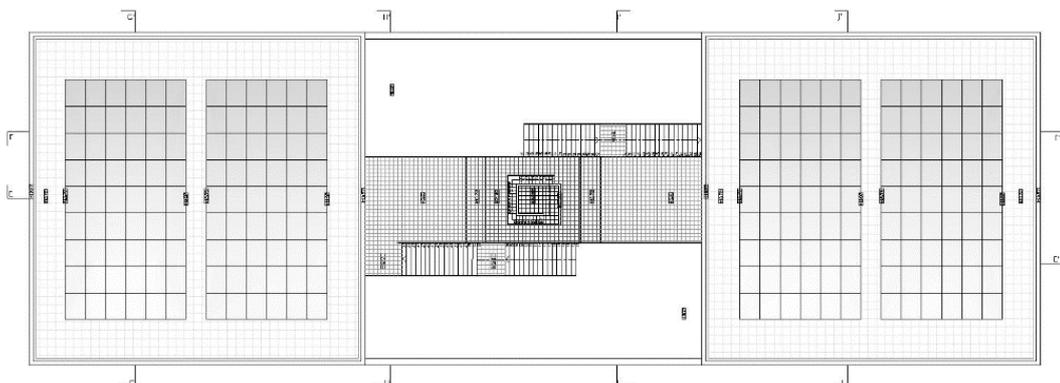


Figura 136\_Planta Cobertura Edificio 2

Os alçados Norte e Sul deste conjunto, apresentam um aspeto muito marcante numa arquitetura cubista onde sobressaem quatro colunas com aspeto da ordem colossal, “que apareceu pela primeira vez na Basílica de Santo André de Mântua erguida por Leon Battista Alberti , sendo desenvolvida por Michelangelo, que a utilizou na reabilitação da Basílica de São Pedro. Sendo desde aí extensamente utilizada em edifícios monumentais”. (Colossal, 2016)



Figura 137\_ Fachada de São Pedro com colunas da ordem colossal

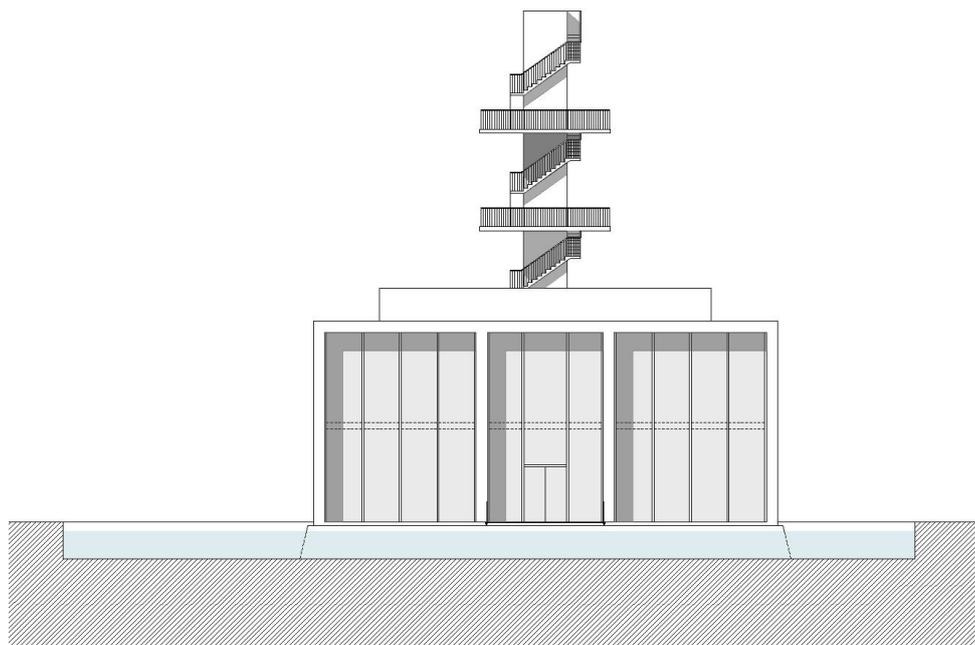


Figura 138\_ Alçado Norte\_ Edifício 2

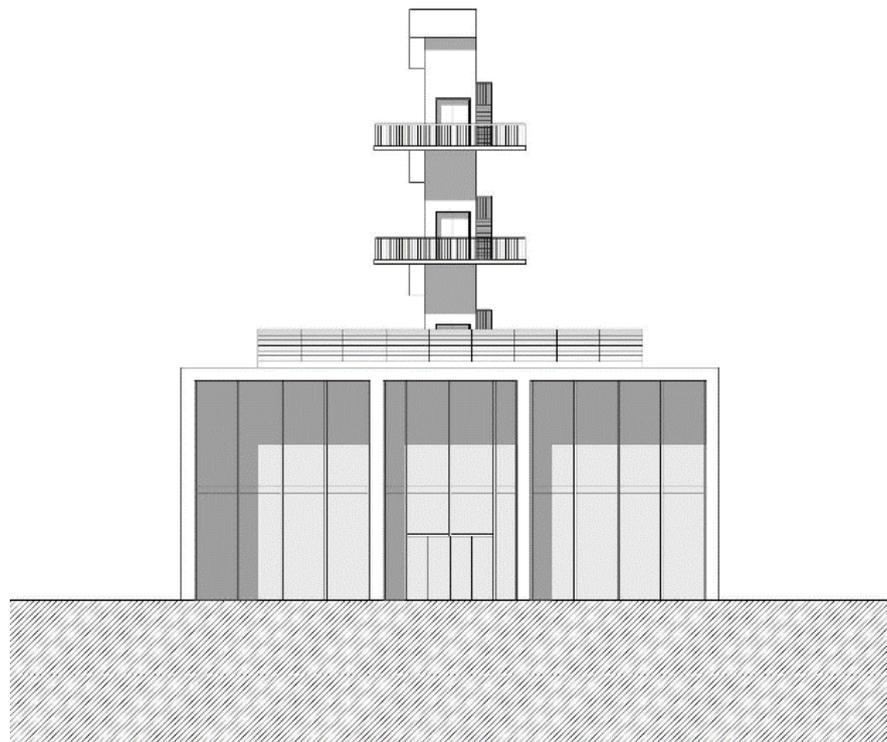


Figura 139\_Alçado Sul\_Edifício 2

Sobressaindo, perante um imponente envidraçado em vidro temperado e colunas retangulares em aço inox que têm a função de caixilho e de coluna, marcando o espaçamento uniforme entre vidros, na fachada, o acabamento do frontão será em betão aparente.

O módulo central é marcante, com a via vertical, o passadiço e as escadas em betão aparente, cujos degraus são forrados a granito escuro, com bujardado fino, os guarda-corpos são elementos de serralharias em aço inox.

Os alçados a Este e a Oeste apresentam o aspeto de silhuetas, onde os seus contornos são perfeitamente marcados pela geometria de figuras simples como é o caso da arquitetura cubista, o acabamento será em betão aparente.

O método construtivo utilizado é igual ao edifício 1.

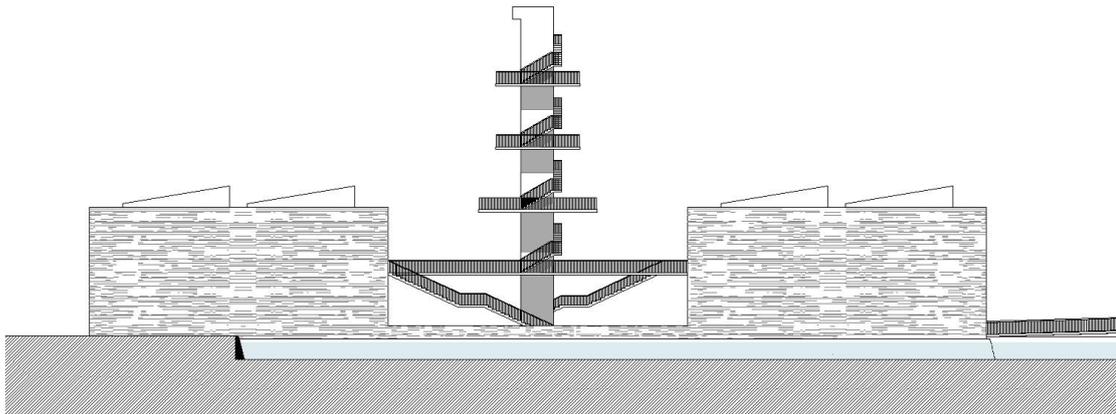


Figura 140\_Alçado Este\_Edificio 2

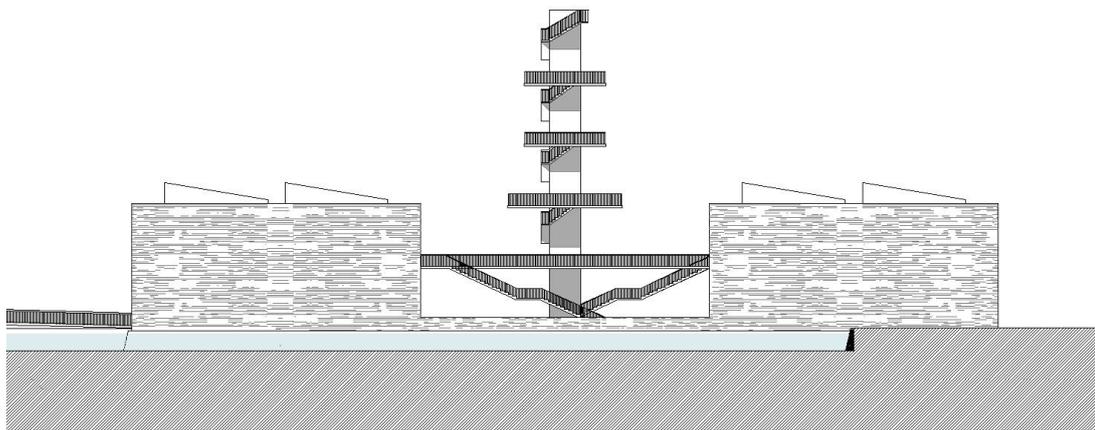


Figura 141\_Alçado Oeste\_Edificio 2

**Passadiço de ligação dos dois edifícios**, sobre o espelho de água, será utilizada uma estrutura em aço decapado com granalha de aço, metalizada e pintada com tinta antiferrugem “Vigas IPN 150”, o pavimentos escolhido foi a madeira em pranchas de 4mm de espessura, fixadas com parafusos em aço inox. O guarda corpos será em elementos de serralharia em aço inox.

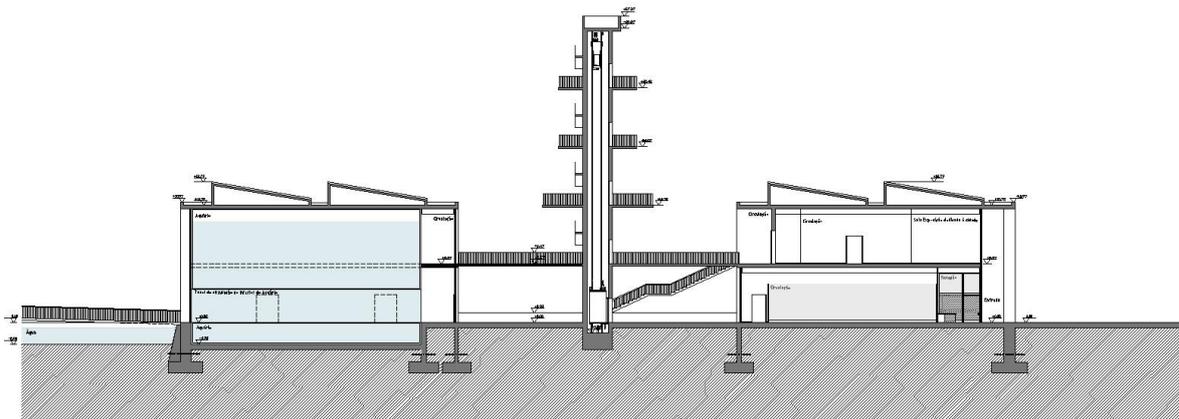


Figura 142\_Corte E-E'\_Edifício 2

O espelho de água “lago artificial” com a implantação de 8 606,00m<sup>2</sup> de área, possui uma profundidade de 1,50m, as suas margens serão ladeadas por um paredão em betão armado “tipo muro de suporte”, em que a parte superior constitui uma faixa separadora entre a água e a terra envolvente. O fundo será isolado com tela plástica e recoberta com terra para proteção.

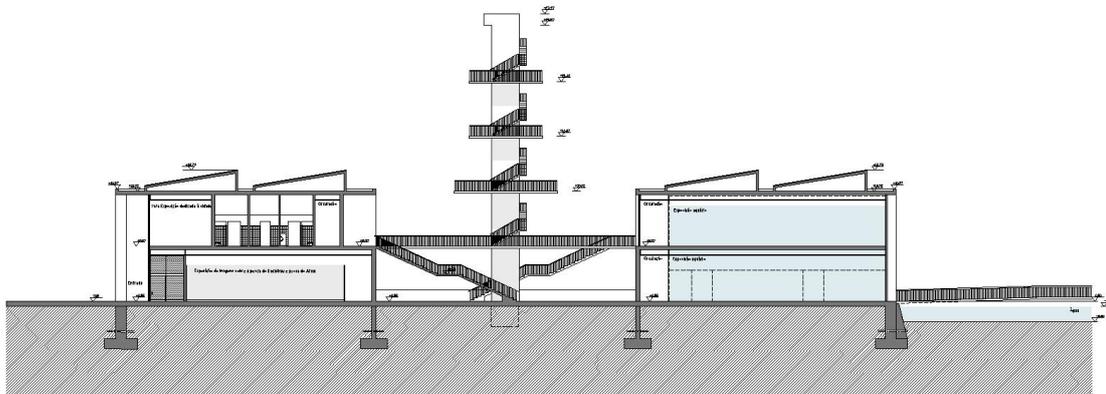


Figura 143\_Corte F-F'\_Edifício 2

O abastecimento de água salgada para o lago artificial, é feito naturalmente por intermédio de comportas, que permitem a circulação de peixes, para o interior, em alturas de marés vivas, podendo também utilizar um sistema de bombagem para renovação da água, do tipo utilizado nos viveiros de peixes criados em cativeiro, como é o caso de produção de douradas e robalos em viveiros, na região de Olhão. O lago será povoado com várias espécies de peixes, especialmente douradas, robalos e liças, por serem resistente em ambientes de águas pouco renovadas. As espécies que aí de irão desenvolver são para estudo e observação dos visitantes.

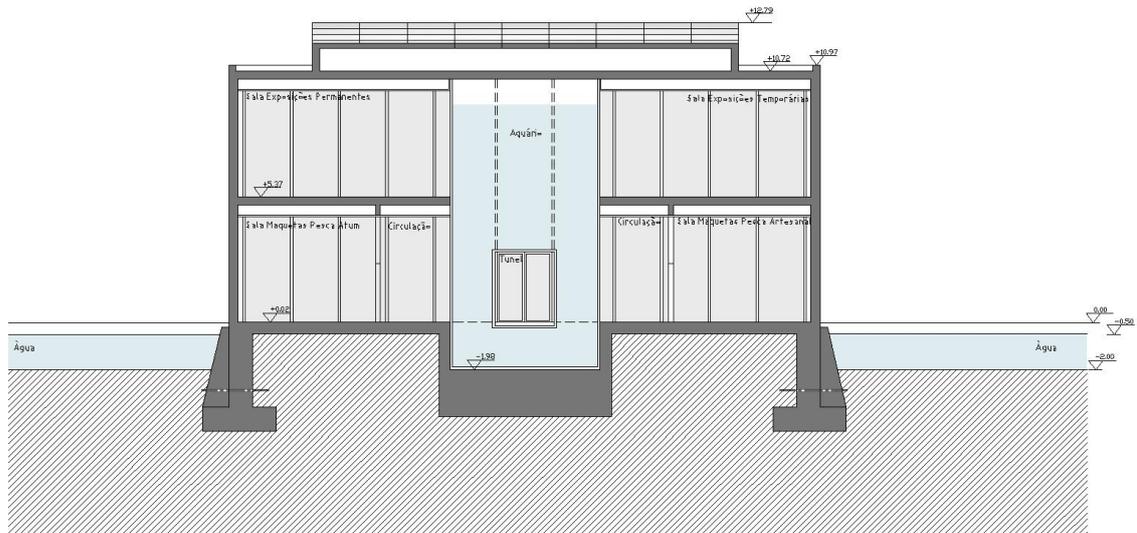


Figura 144\_Corte G-G'\_Edifício 2

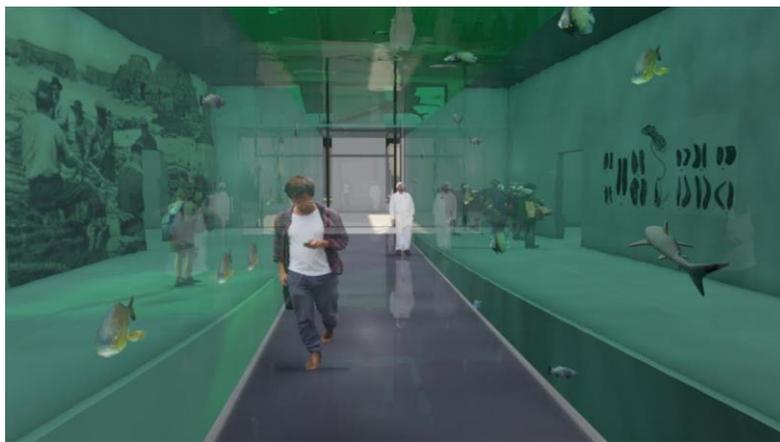


Figura 145\_Interior do Piso 0\_Edifício 2 (Aquário) 3D

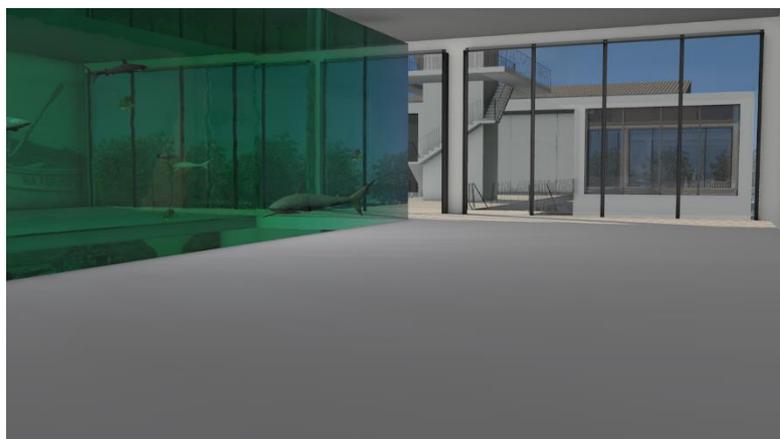


Figura 146\_Interior do Piso 1\_Edifício 2 (Aquário) 3D



## Conclusão



A ideia de museu é relativamente moderna, apesar de antiquíssima ser a ideia de coleção.

A necessidade de guardar objetos úteis, sem aplicação e sentido prático, para gerações futuras, é uma carência sociológica que deu lugar á conceção de um lugar para acolher memórias, o Museu.

É por isso evidente a ligação entre a memória e o sítio museológico, como é igualmente clara a necessidade do homem de conceber monumentos, representações que exponham as seus conceitos, que de algum modo criem uma memória, de modo a existir sempre presente, uma forte ligação entre o passado e o futuro, que sobreviva para as gerações futuras.

O museu cubista do mar em Olhão foi idealizado, para alojar as memórias da cidade, na sua ligação ao mar, sob a forma de objetos originais, maquetas, fotografias, filmes, livros etc., com espaços culturais para divulgação de uma história, em que na realidade somos todos intervenientes, como membros participantes, num processo evolutivo dinâmico.



Figura 147\_ Perspetiva dos dois Edifícios-3D



## Bibliografia



## Bibliografia

- Algarve, A. (1987). *Gente de Olhão "O Seu Humor, a Sua Graça.."* 2ª Edição Prefácio de Alberto Iria. Olhão: Algarve em Foco.
- Barbosa, J. (1993). *Visto e Ouvido... Em Olhão... Reflexões*. Olhão: Câmara Municipal de Olhão.
- Cachim, D. A. (1988). *Os Ílhavos, o Mar e a Ria*. Estarreja: Livraria Estante.
- Centeno, T. A. (1940). *Aspetos do Problema Bacalhoeiro*. Lisboa: Editorial de Marinha.
- Colossal, O. (29 de Maio de 2016). [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem\\_colossal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_colossal).
- Fangueiro, Ó. (1988). *A Descarga do Peixe no Passado "Matosinhos o Lugar da Imagem"*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos.
- Garrido, A. (2004). *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*. Rio de Mouro: Circulo de Leitores.
- Le Goff, J. (2000). *História e Memória, IIº Volume - Memória*. Edições 70.
- Lopes, F. M. (1996). *faina Maior - A Pesca do Bacalhau nos Mares da Terra Nova*. Aveiro: Quetzal.
- Lopes, M. F. (1995). *O Barco Poveiro, Câmara Municipal de Povoia de Varzim*.
- Madahil, A. G. (1939). *O Museu Municipal de Ílhavo e a Escultura "O Homem do Leme"*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Marques, A. H. (1976). *História de Portugal*. Lisboa: Palas.
- mendes, A. R. (2009). *Olhão Fez-se a Si Próprio*. Olhão: Gente Singular.
- Meneses, A. d. (2007). *Portugal é o mar, conferencia proferida no Palácio dos Capitães-Generais*. Angra Heroísmo: Universidade dos Açores.
- Nobre, A. (2008). Opúsculos Históricos sobre Olhão. Em A. Nobre, *Opúsculos Históricos sobre Olhão* (p. 16). Olhão: Rainho & Neves, Lda.
- Oliveira, A. (1999). *Monografia do Concelho de Olhão, 3ª Edição*. Olhão: Algarve em Foco.
- pescados, A. r. (29 de Maio de 2016). <http://www.aredepescados.com.br/produtos/tipos-de-bacalhau/>.
- Silva, A. M. (2001). *A Memória dos Bacalhoeiros "Uma Contribuição para a Sua História"*. Lisboa: Editorial Presença.
- Simões, J. (2007). *Heróis do Mar - Viagem à Pesca do Bacalhau*. Lisboa: Caleidoscópio.
- Vaz, A. F. (2009). *Olhão da Restauração no tempo e a 1ª Invasão Francesa em 1808, no Contexto Regional e Nacional*. Olhão: Elos Clube de Olhão, 2º Volume, p. 101.
- Vieira, C. d. (2009). *Olhão Junho de 1808 "Levantamento contra as tropas francesas através da imprensa e literatura da época"*. Olhão: Município de Olhão.
- Villares, J. (1994). *Olhão e Abílio Gouveia "O Homem o Historiador o Olhanense"*. Olhão: Câmara Municipal de Olhão.

## **Netgrafia**

### **Textos**

Marinha de Guerra Portuguesa –

<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/02/marinha-de-guerra-portuguesa-5.html>

[Consult. Maio 2016].

O Pescador Jimmy –

<http://marinheirojimmy.blogs.sapo.pt/tag/terra+nova> [Consult. Maio 2016].

Outras Navegações “Os mais belos lugres bacalhoeiros do mundo” –

<http://riodosbonsinais.blogspot.pt/2014/08/outras-navegacoes-os-mais-belos-lugres.html>

[Consult. Maio 2016].

St. John's –

[http://wikitravel.org/pt/St.\\_John%27s](http://wikitravel.org/pt/St._John%27s) [Consult. Maio 2016].

Museu Nacional Marítimo em Londres –

<http://www.aredepescados.com.br/produtos/tipos-de-bacalhau/#bacalhaudopacifico>

[Consult. Maio 2016].

Museu Marítimo do Atlântico –

<http://www.touristlink.com.br/Canad%C3%A1/museu-maritimo-do-atlantico/overview.html>

[Consult. Maio 2016].

Museu Marítimo Osaka –

[http://www.constructalia.com/portugues\\_pt/galeria\\_de\\_projetos/japao/museu\\_maritimo\\_de\\_osaka#.V0uFM4-cHcc](http://www.constructalia.com/portugues_pt/galeria_de_projetos/japao/museu_maritimo_de_osaka#.V0uFM4-cHcc)

[Consult. Maio 2016].

Museu do Mar Rei D. carlos –

<http://www.cm-cascais.pt/museumar/> [Consult. Maio 2016].

Museu Marítimo de Ílhavo –

<http://www.museumaritimocm-ilhavo.pt/pages/3> [Consult. Maio 2016].

Museu dos Baleeiros -

[http://www.espacotalassa.com/04\\_pt/04\\_museum/index\\_museum.htm](http://www.espacotalassa.com/04_pt/04_museum/index_museum.htm) [Consult.

Maio 2016].

Tipos de Bacalhau –

<http://www.aredepescados.com.br/produtos/tipos-de-bacalhau/> [Consult. Maio

2016].

Peixe azul –

<http://avguerreiro.pt/> [Consult. Maio 2016].

## Vídeos

José Afonso - Ó Vila de Olhão –

<https://www.youtube.com/watch?v=nfUPDxW4Ao8> [Consult. Maio 2016].

José Afonso - "Ó Vila de Olhão" do disco "Cantares de José Afonso" (1ª edição, EP 1964)

<https://www.youtube.com/watch?v=VcYKC7f2tYw> [Consult. Maio 2016].

Cidade de Olhão da Restauração no Algarve –

<https://www.youtube.com/watch?v=f2ALz0M1cFw> [Consult. Maio 2016].

Olhão - Arquitectura única no Mundo –

[https://www.youtube.com/watch?v=Bpb\\_o8iEDgw](https://www.youtube.com/watch?v=Bpb_o8iEDgw) [Consult. Maio 2016].

Apresentação da Cidade de Olhão –

<https://www.youtube.com/watch?v=YRFNgVp8QJY> [Consult. Maio 2016].

Olhão - Algarve - Cidade mais sul de Portugal –

<https://www.youtube.com/watch?v=oxRrWT4HHv4> [Consult. Maio 2016].

RIA FORMOSA 2015 - teaser Olhão –

<https://www.youtube.com/watch?v=uMZoS90fMH0&index=4&list=PLtoQko23twLa6IUQWOXfkhIDVogbaglh7> [Consult. Maio 2016].

Olhão TV - Agenda Fim de Semana | 23-25 Outubro –

<https://www.youtube.com/watch?v=B69bxIleRhg> [Consult. Maio 2016].

Olhão TV - Festival do Marisco de Olhão 2015 | Dia 6 –

<https://www.youtube.com/watch?v=Bi1rJQrIQ6c> [Consult. Maio 2016].

Olhão TV - Móce Mó | Chô Pêxe -

<https://www.youtube.com/watch?v=RGiNSzG1IOU&list=PLtoQko23twLa6IUQWOXfkhIDVogbaglh7> [Consult. Maio 2016].

Olhão TV - Móce Mó | O CAMALEÃO ! –

<https://www.youtube.com/watch?v=uOsXytdtGm8&list=PLtoQko23twLa6IUQWOXfkhIDVogbaglh7&index=11> [Consult. Maio 2016].